

Vivendo
LADO
a
LADO

Servindo o Povo de
Cactus, Texas



Jenni Montebianco



Cactus, Texas – 4.000 pessoas, 40 idiomas – povoada principalmente por refugiados fugindo de guerras, perseguições ou desastres naturais – e imigrantes, com e sem documentos. Outros em Cactus estão fugindo do vício, da pobreza e de outros problemas. Eles lidam com uma nova cultura, uma nova língua, e o “Sonho Americano”.

As pessoas do Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus são chamadas a viver lado a lado com as pessoas de Cactus, para mostrar-lhes o amor, e para levá-las a um relacionamento com Jesus Cristo que mudará as suas vidas.



Missões Nazarenas Internacionais

ISBN 978-1-56344-848-5



9 781563 448485

Vivendo
LADO
a **LADO**

Senindo o Povo de Cactus, Texas

2017–18 MNI
RECURSOS EDUCACIONAIS DE MISSÕES

LIVROS

BDSW

Uma Biblioteca para o Mundo
por Tammy Condon

TESTEMUNHA

Enxergando através de uma sociedade opressora
por Gusztinné Tulipán Mária

VIVENDO LADO A LADO

Servindo o Povo de Cactus, Texas
por Jenni Montebianco

MURSI

Alcançando os não alcançados na Etiópia
por Howie Shute

Vivendo
LADO
a
LADO

Senindo o Povo de Cactus, Texas

JENNI MONTEBLANCO



Missões Nazarenas Internacionais

Copyright © 2017
Nazarene Publishing House

ISBN 978-1-56344-8485

Impresso nos Estados Unidos da América

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio – seja eletrônico, fotocópia, ou gravação – sem a permissão prévia por escrito do editor. A única exceção são citações breves em revisões impressas.

Design da capa: Juan Fernandez, Graphic Artist. *Juanfernandez.ga*
Design Interno: Darryl Bennett

Todas as citações bíblicas não designadas de outra forma são da *Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional* ®, (NVI®) Copyright © 1993, 2000 por Biblica, Inc.™ Usada com permissão. Todos os direitos reservados em todo o mundo.

Escrituras retiradas da Bíblia King James Atualizada (Português) © 2012 Abba Press. Usada com permissão. Todos os direitos reservados.

DEDICATÓRIA

A Vito – meu meu marido, copastor, codiretor e amigo – obrigada por sua ajuda em contar a história de Cactus. Eu não gostaria de viver essa vida louca com mais ninguém.

À Olivia e Elias, sou tão orgulhosa de vocês e de como vocês escutam e seguem a Deus de todo o coração. O ministério em Cactus é definitivamente um caso de família. Eu sou abençoada por ser a mãe de vocês.

ÍNDICE

CAPÍTULO 1 – <i>Confiança</i>	11
CAPÍTULO 2 – “ <i>O Menor Destes</i> ”	15
CAPÍTULO 3 – “ <i>Vocês Veem Essas Pessoas?</i> ”	23
CAPÍTULO 4 – <i>Cactus</i>	31
CAPÍTULO 5 – <i>Kuol</i>	41
CAPÍTULO 6 – <i>Patricia</i>	49
CAPÍTULO 7 – <i>Rana</i>	55
CAPÍTULO 8 – <i>Andrea</i>	63
CAPÍTULO 9 – <i>Crystal</i>	69
CAPÍTULO 10 – <i>Mahad</i>	75
CAPÍTULO 11 – <i>May</i>	81
CAPÍTULO 12 – <i>Amor</i>	87
REAÇÃO	91

SOBRE A AUTORA

Jenni Monteblanco é codiretora do Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus, no Texas, compartilhando as responsabilidades com seu marido, Vito. Ela também é pastora, esposa, mãe, professora de ensino doméstico... e a lista continua. As paixões de Jenni são o ministério com refugiados/imigrantes, discipulado e café. Ela recebeu o seu chamado para o ministério em tempo integral aos 10 anos e sempre soube que estaria em um ambiente transcultural. No entanto, ela nunca imaginou que o campo missionário estaria em “seu próprio quintal”, apenas uma hora de sua cidade natal. Jenni e Vito têm dois lindos filhos, Olivia e Elias.

CAPÍTULO 1

Confiança

Nós não estávamos pensando em sair. A vida era boa. A igreja que pastoreávamos estava crescendo. Ambos os nossos filhos tinham sido aceitos em escolas novas. Não havia razão para fugir. Não, “fugir” não é a palavra certa; não neste caso. Não como aqueles que logo se tornariam nossos vizinhos.

Eles tiveram que fugir. Muitos saíram, não porque quiseram, mas porque ficar significava morrer. Eles viajaram por dias, às vezes meses... geralmente a pé, levando apenas o que podiam carregar. Eles tinham esperança de encontrar comida ou água decente ao longo do caminho. Eles viajaram em meio a provações e lágrimas. Eles sofreram com a perda de seus lares, posses, identidade e, às vezes, até mesmo a vida.

Outros escolheram fugir. Eles escolheram deixar as suas casas, seus países e seus sistemas de ajuda, porque a vida que estavam vivendo era tão pobre que eles estavam dispostos a tentar *qualquer coisa* para encontrar algo melhor. Alguns vieram sem membros da família. Alguns pagaram milhares de dólares. Alguns suportaram

todas as dificuldades possíveis. Eles também viajaram em meio a provações, lágrimas e perdas.

Mas nós não, por que deveríamos sair? A vida era boa. A vida era estável. A vida era confortável.

Era início de 2013. Meu marido, Vito, e eu estávamos pastoreando a Igreja do Nazareno da Avenida Taylor em Racine, Wisconsin, nos EUA, preparando-nos para o primeiro culto de Promessa de Fé em anos. Foi o nosso primeiro ministério pastoral, Vito como pastor titular e eu como pastora de discipulado.

As coisas em Racine estavam indo bem, muito bem no que diz respeito a “questões de igreja”. Os números estavam aumentando, as pessoas estavam crescendo espiritualmente, e nós até estávamos assumindo compromissos financeiros adicionais por outros. Estávamos servindo aquela pequena igreja por três anos e estávamos nos sentindo realizados.

Quando chegamos, a igreja estava funcionando como duas congregações separadas, uma anglo e a outra hispânica. Dado o nosso chamado para ministério multicultural, fomos levados para unificar as duas congregações. E lá se foram os dias de “nós” e “eles”. Esta igreja havido aprendido a abraçar as suas diferenças enquanto adoravam e serviam a Deus como uma congregação bilíngue e unida.

O final de semana do culto de Promessa de Fé chegou, e todos estavam animados. Nós tivemos uma grande equipe de louvor de estudantes vindos da Olivet Nazarene University em Bourbonnais, Illinois, EUA, para tocar e ajudar nas atividades do fim de semana. Tínhamos muitas coisas interessantes programadas: um culto de jovens, um jantar internacional e um pregador missionário bem conhecido.

Vito e eu conversamos qual seria nosso compromisso financeiro no culto de Promessa de Fé. Decidimos que nós poderíamos provavelmente espremer uns \$25¹ extra por mês. Para a nossa jovem família de quatro, que se dava o privilégio de ter apenas uma refeição em um restaurante por mês; nós poderíamos fazer isso. E considerando o orçamento da igreja, a nossa promessa totalizando \$ 300 de oferta por ano ajudaria tremendamente.

Naquele domingo de manhã, nossa filha de seis anos, Olivia, não estava se sentindo bem, então fiquei em casa com ela. Durante a manhã, orei e esperei para ouvir como o culto tinha ido, especialmente para ouvir como Deus tinha desafiado as pessoas a darem mais e além. Alcançaríamos o nosso objetivo? Ficaríamos deslumbrados com o mover do Espírito? Ou seria um grande fracasso? Será que ficaríamos desapontados pelo fato de que todo o nosso trabalho duro tivesse caído em ouvidos e corações fechados?

Imediatamente após o culto, Vito me enviou uma mensagem de texto, “nós conseguimos \$ 7.000 dólares!” Nós ficamos empolgados! Uma promessa financeira de \$ 7.000 era uma quantia enorme para a nossa pequena congregação. Eu mal podia esperar que Vito chegasse em casa para que eu pudesse ouvir todos os detalhes.

Pouco depois de Vito retornar para casa, ele me contou uma bomba. “Jenni, eu acho que cometi um erro. Acho que marquei no nosso cartão uma oferta ‘semanal’ em vez de ‘mensal’.

O quê? Certamente ele não tinha feito isso. Só podia ser um erro. Certamente ele não estava se lembrando corretamente. Isso seria quatro vezes mais do que os nossos \$ 25 planejados por mês. Não havia como fazermos isso. De repente, a empolgação de um

¹ A menos que indicado de outra forma, os valores referidos neste livro serão sempre em dólares americanos.

grande fim de semana do culto de Promessa de Fé desapareceu. Como é que iríamos cumprir com este grande compromisso? Deveríamos encontrar uma maneira de mudar a nossa promessa?

Por fim, nós acabamos dando \$ 25 por semana. Eu adoraria lhes dizer que tomamos a decisão de dar os \$ 25 por semana porque nós confiamos em Deus, mas na verdade, tomamos a decisão de dar esse valor extra simplesmente porque estávamos muito envergonhados para mudar a nossa oferta. Sim, nós demos os \$ 25 por semana. E você sabe o que aconteceu? Nunca nos fez falta.

Eu não conto esta história para compartilhar quão Vito e Jenni Montebianco são espetaculares, porque nós não somos. Nem estou tentando fazê-lo sentir-se culpado ao ponto de chamar o tesoureiro da sua igreja para quadruplicar as suas ofertas financeiras. Estou incluindo este episódio como uma ilustração para mostrar que este foi apenas o começo do que Deus estava prestes a fazer em nossas vidas, uma grande lição em matéria de aprender a confiar.

CAPÍTULO 2

“O Menor Destes”²

por SUSAN DOWNS

Num dia quente e seco de outubro, em Panhandle, no Texas. Meu marido, David, e eu estávamos dirigindo pelo ressecado e plano deserto até que de repente nós chegamos a uma cidade pequena na Rodovia Estadual 287. *Cactus, Texas*, anunciava a placa na estrada.

Este era o nosso destino. Uma rua principal empoeirada cortava a cidade, com algumas lojas, uma caixa d’água e algumas casas. Nada de surpreendente. Mas as pessoas! As mulheres cobertas com vibrantes tecidos birmaneses transportavam suas compras ao longo da calçada. Homens sudaneses altos e magros se aglomeravam nos cantos, conversando e rindo. As crianças asiáticas jogavam futebol em um terreno enquanto as suas mães as observavam nas proximidades. Em todos os lugares, nos carros, nas lojas e nas

² “The Least of These” [O Menor Destes], por Susan Downs, é reproduzido com permissão de *Guideposts*. Copyright © 2014 by Guideposts. Todos os direitos reservados.

ruas, famílias centro-americanas se apressavam, algumas vestidas de ponchos guatemaltecos e sandálias de plástico.

David e eu sabíamos sobre os guatemaltecos. É por isso que estávamos lá. David é um dos superintendentes distritais da nossa denominação, a Igreja do Nazareno. Ele tinha sido recentemente nomeado para supervisionar as 100 igrejas de uma área de cerca de 100 mil quilômetros quadrados no oeste do Texas. Estávamos dirigindo pelo distrito visitando as igrejas, incluindo esta pequena congregação de língua espanhola de Cactus, que era composta principalmente de guatemaltecos.

Mas o que essa Nações Unidas virtual de imigrantes estava fazendo em uma cidade remota do Texas? Toda a cena me surpreendeu. Não era tanto a diversidade. Na verdade, eu aceitava isso. Era a pobreza. Muitas das casas móveis estavam enferrujadas e caindo aos pedaços, seus telhados escorados por pneus. Plantas secas eram levadas pelo vento nas ruas. Homens caindo na frente



Propriedade do Centro de Ministérios em Cactus.

de um posto de gasolina, bebendo em garrafas enroladas em sacos de papel marrom. O único prédio bem cuidado na rua principal era uma mesquita de cúpula dourada.

A pior parte era o cheiro. O ar cheirava metano e Deus sabe lá o que mais. Eu mal conseguia respirar quando chegamos ao pequeno prédio alugado onde nossa congregação hispânica se reunia. Nós tínhamos trazido nosso neto de cinco anos de idade ao longo desta viagem. Ele apelidou o odor de “o cheiro de Cactus”.

No entanto, quando entramos, a pequena capela estava cheia, cada banco de madeira cheio, com apenas quinze centímetros entre os bancos. O grupo de louvor tocou por quase uma hora. A pastora, uma mulher chamada Elda, a quem o meu marido havia convencido a voltar da aposentaria, pregou em espanhol para um mar de rostos ansiosos. Nosso neto encontrou outras crianças de sua idade e se enturmou.

Depois do culto, nós nos juntamos à congregação para uma refeição guatemalteca tradicional, em nossa honra. David e eu conversamos com vários membros da igreja de língua inglesa. Eu estava cheia de perguntas, mas não queria soar rude.

“Você provavelmente deve estar se perguntando o que todas essas pessoas diferentes estão fazendo aqui no meio de Panhandle, não é?”, uma mulher disse, sorrindo. Eu balancei a cabeça.

“É por causa da fábrica de carnes”, disse ela. “Fora da cidade. Uma das maiores do Texas. Eles processam algo em torno de quatro a cinco mil gados por dia. Quase todo mundo trabalha lá. Há alguns anos, as autoridades invadiram o local e descobriram que a fábrica estava empregando um grande número de imigrantes ilegais. Depois disso, a empresa passou a recrutar refugiados que têm permissão legal para morar nos Estados Unidos. Temos gente da

Guatemala, Mianmar, Somália e Sudão. Quase todos os países devastados por guerras. A maioria dos somalis são muçulmanos, assim como os birmaneses. Mas há também alguns cristãos, particularmente entre os sudaneses e guatemaltecos. Eles vêm aqui para louvar, essa é uma das várias congregações protestantes que alugam este edifício, ou para a paróquia católica. E estas são as igrejas”.

David e eu tínhamos servido como missionários na Coreia do Sul por cinco anos. Eu também tinha viajado extensivamente trabalhando para uma agência de adoção internacional em Fort Worth. Eu me sentia confortável em meio a culturas diferentes. E no meu coração eu sabia que a igreja existe para servir os necessitados. Mas Cactus me abalou. A necessidade parecia ser tão grande. E a imigração é algo muito delicado no Texas. Teria sido realmente uma boa ideia nos envolvermos?

David terminou a visita e voltamos para o carro. Nós oramos enquanto seguíamos em direção ao nosso próximo destino.

“Senhor, esta cidade, esta igreja, precisa de Ti de uma maneira tremenda”, David disse. “Mostre-nos como trazer os recursos de nossa denominação para servir este lugar. Lembramo-nos de Suas palavras nas Escrituras: ‘Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus’”.³

Pouco tempo depois, David voltou para Cactus juntamente com Sam, um amigo nazareno de Amarillo, para conversar com os moradores e líderes da comunidade e ter uma ideia de como a igreja poderia ajudar. A principal prioridade era um edifício, tanto para a adoração como para a realização de projetos de trabalho comunitário, como aulas de ISL⁴, assistência jurídica gratuita e clínicas de saúde.

³ Mateus 5:3

⁴ ISL – Inglês como Segunda Língua

David queria incluir todos em Cactus, então ele visitou Rasheed, um líder muçulmano da comunidade somali. Rasheed disse a ele que ficaria feliz em ver a igreja expandir suas ofertas. Ele sugeriu não colocar a palavra *igreja* na placa para que ninguém se sentisse de alguma maneira excluído.

“E se colocarmos o nome de Centro de Ministérios?”, perguntou David.

“Perfeito”, respondeu Rasheed.

O plano começou a ser desenvolvido. Pedimos doações e compramos um daqueles kits de construção em estilo de armazém, depois pedimos aos voluntários da igreja que ajudassem a montá-lo. David e Sam filmaram Cactus e fizeram um pequeno vídeo para mostrar na convenção do distrito Nazareno na primavera seguinte.

Parecia que todas as pessoas que falávamos acerca de Cactus queriam doar.



Prédio do Centro de Ministérios em Cactus.

Logo nos ofereceram equipes de trabalho voluntário para ajudar a erguer o edifício de aço de 836 metros quadrados – eles levantaram paredes, soldaram, instalaram eletricidade. Vito e Jenni [Monteblanco] mudaram-se para Cactus e imediatamente se estabeleceram em parceria com o distrito escolar local para servir almoços gratuitos para crianças que passam fome durante o verão, quando a cafeteria da escola ficava fechada. Elda se aposentou (novamente) e Vito assumiu como pastor interino da congregação guatemalteca.

A congregação africana se reúne no YMCA enquanto todos esperam pelos toques finais no Centro de Ministérios, que ainda precisa de aquecimento e ar-condicionado. Já estamos usando o edifício para dias ocasionais de “feira livre”, quando transformamos o salão principal em um bazar de doações de alimentos, roupas e outros itens domésticos. Quando estiver terminado, o Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus, de cor bege e verde, terá espaço para a adoração de várias congregações étnicas diferentes, salas para as aulas de ISL, salas para assistência jurídica, e até moradia temporária para missionários nazarenos que estarão servindo a curto prazo em Cactus.

Recentemente, David e eu ficamos debaixo de uma rara sombra de árvore no local do nosso novo Centro de Ministério, cercado por africanos. Nós compartilhamos em uma conversa empolgada, sobre o progresso e o potencial do Centro de Ministérios. Pensei no meu primeiro dia em Cactus, aquela sensação de choque quando olhei para a cidade aparentemente desolada.

Agora Cactus parecia tudo menos um local desolado. Em todo lugar que eu olhava, via evidências da obra de Deus.

Sim, pensei, a América mudou. Mas quando Jesus nos diz para servir os “o menor destes”, Ele não faz distinção entre línguas ou nacionalidades. “Pois tive fome, e me destes de comer, tive sede, e me destes de beber; fui estrangeiro, e vós me acolhestes”.⁵ diz o Senhor. É simples assim. Então, em Cactus, Texas, é isso que fazemos.

⁵ Mateus 25:35, KJA

CAPÍTULO 3

“Vocês Veem Essas Pessoas?”

Algumas semanas depois do culto de Promessa de Fé, meu pai, Sam McPherson, postou um vídeo simples e caseiro na página da nossa família no Facebook, dizendo: “Olha o que eu fiz hoje”.

O Dr. Downs convidou papai, um líder leigo, para ajudar a fazer uma apresentação de vídeo para a Assembleia Distrital da Igreja do Nazareno no Oeste do Texas em abril de 2013. No Facebook, meu pai descreveu um dia empolgante numa cidade peculiar chamada Cactus, enquanto filmava o vídeo e comia uma deliciosa comida somali.

Querendo compartilhar o entusiasmo de papai, assistimos ao vídeo. Nele, o Dr. Downs chamou o Distrito do Oeste do Texas para agir, afirmando que ele não sabia o que o futuro reservava, mas estava claro que o povo de Cactus precisava da Igreja do Nazareno.

Enquanto observávamos, Deus começou a mover algo dentro de nós: “Vocês veem essas pessoas, este lugar? Vocês podem sentir a necessidade?”

“Mas, Deus, as coisas estão indo tão bem aqui em Wisconsin. E certamente, o Distrito Oeste do Texas já tem um plano preparado”.

Os dias passaram. Enquanto seguimos com nossas rotinas diárias, Cactus era tudo que eu e Vito conversávamos a respeito. Nós não podíamos evitar a sensação de que Deus tinha algo grande para fazer lá. Então Vito enviou um email ao Dr. Downs, compartilhando nosso interesse e ideias.

Estou escrevendo hoje acerca do ministério que está acontecendo em Cactus, Texas. Como você pode imaginar, os pais de Jenni compartilharam a experiência de Sam quando ele foi a Cactus com você, e o vídeo sobre o ministério e a visão para Cactus. Enquanto ouvíamos falar da visão, do plano e do desejo de participar do ministério ali, nossos mais profundos sentimentos foram tocados. Ou pelo impulso do Espírito Santo ou pela nossa paixão por ministrar transculturalmente, Cactus tem estado em nossos corações e mentes desde a nossa primeira conversa com Sam. Devido à nossa incapacidade de mudar de ideia, estou hoje lhe escrevendo.

Estamos cientes de que você e a Junta Consultiva do Distrito estão planejando o trabalho em Cactus. Eu não estou escrevendo com qualquer pressuposto acerca desses planos. No entanto, queremos compartilhar o que tem sido colocado em nossos corações e o que nós vemos como possível. Nós imaginamos que, com a ajuda do Senhor e a liderança certa, Cactus poderia ter um Centro de Ministérios de Compaixão autossuficiente como parte vital da comunidade. Nós, honestamente, vemos este ministério se tornando um centro comunitário e liderando proeminente-

mente a comunidade para o seu desenvolvimento futuro. Podemos ver este ministério impactando a comunidade através da oferta de serviços sociais, tais como aulas de Inglês como Segunda Língua (ISL), assistência jurídica, preparação / teste de exame de Desenvolvimento Educacional Geral, planeamento financeiro, assistência trabalhista, assistência a imigrantes/refugiados, educação e desenvolvimento infantil, juvenil e familiar, e muito mais. Além de oferecer serviços sociais, prevemos que este ministério se associe com a Igreja do Nazareno já em Cactus para ser um lugar de adoração, evangelismo e discipulado não só para os hispânicos, mas para os africanos e outras culturas representadas em Cactus. Em outras palavras, imaginamos o trabalho da Igreja do Nazareno em Cactus sendo um centro comunitário centralizado em Cristo; oferecendo a mensagem de esperança em Cristo através de serviços que capacitam as pessoas a viverem vidas bem-sucedidas e alcançarem o seu pleno potencial.

Nunca passou por nossas cabeças que nós seríamos os responsáveis em executar aquelas ideias. Sabíamos que oraríamos pelos esforços do ministério; e, como os filhos do cinegrafista, tínhamos algumas ideias, se o Dr. Downs desejasse ouvi-las. Em nossa ingenuidade, estávamos certos de que nossa experiência – embora limitada – seria benéfica.

Vito e eu tínhamos crescido na Igreja do Nazareno nos EUA – Vito em Lewiston, Idaho, e eu fui criada em Amarillo, Texas. Nós dois fomos chamados ao ministério quando éramos pré-adolescentes, e cada um de nós sabia que um dia estaríamos servindo em um ambiente transcultural. Nós nos conhecemos na Northwest

Nazarene University (NNU) em Nampa, Idaho, onde Vito se especializou em estudos internacionais e eu estudei matemática e ciências naturais. Depois de nos casarmos, nos formamos na faculdade, e passamos sete meses como missionários nazarenos voluntários na Guatemala.

Então, nós nos mudamos para Kansas City, onde Vito cursou o Seminário Teológico Nazareno e eu completei o meu mestrado no programa online da NNU. Enquanto trabalhávamos em nossas graduações, nós servimos em vários lugares como pastores de crianças, pastores de jovens, várias posições no Centro Global de Ministérios, e outras várias organizações sem fins lucrativos.

O tempo que passamos em Kansas City parecia como um misto de empregos e experiências. No entanto, à luz do que estava acontecendo em Cactus, Texas, começamos a ver como todas essas experiências se encaixavam. Começamos a perceber que talvez tivéssemos algo a oferecer ao Distrito Oeste do Texas enquanto eles começavam a pesquisar o que a Igreja do Nazareno poderia fazer em Cactus.

Nosso e-mail foi recebido com uma resposta curta e cortês, “Que bom ouvir de vocês. Sua visão soa quase idêntica à minha. Gostaria muito, muito, de visitá-los e conversar mais sobre as suas ideias...”

Ufa! Nós conseguimos. Fizemos o que Deus nos pediu, escrevemos ao superintendente distrital. Agora de volta à nossa vida real.

Algumas semanas depois, recebemos outro e-mail do Dr. Downs perguntando se poderíamos fazer uma videoconferência com ele. A assembleia distrital do Distrito Oeste do Texas havia acabado de terminar, e Deus tinha feito coisas incríveis. Em questão de dias, a Igreja do Nazareno resolveu apoiar este apelo à ação. Milhares

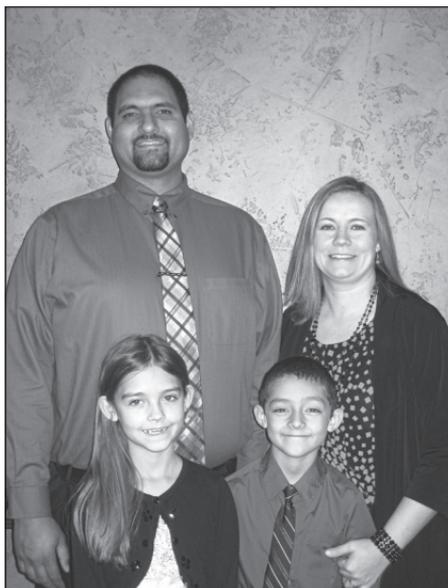
de dólares foram levantados na assembleia, os fundos de alabastro foram liberados pelo distrito, e as terras foram compradas.

De repente o sonho de fazer algo em Cactus estava se tornando uma realidade. O Distrito Oeste do Texas estava preparado para iniciar um Centro de Ministérios de Compaixão ali. Dr. Downs queria compartilhar tudo isso conosco; Oh, e “Vocês poderiam me enviar os seus currículos?”

“Espere um pouco, Deus. Você nos pediu para compartilhar o que eles poderiam fazer em Cactus, não o que nós poderíamos fazer em Cactus”.

Em abril de 2013, nós tivemos uma videoconferência com o Dr. Downs, compartilhando sonhos e perguntando os “e se?” E se o Distrito Oeste do Texas abrisse um Centro de Ministérios de Compaixão? E se o Distrito Oeste do Texas chamasse a família Monteblanco para Cactus? Se fôssemos, como nos sustentaríamos? Onde viveríamos? O que faríamos? Havia tantas perguntas sem resposta.

Então esperamos. Naquela época, parecia que as muitas perguntas sem respostas nos cercavam. Eu me lembro de ter dito ao Vito que os dias sem respostas deveriam significar que não era para acontecer. Vito, sendo o mais paciente em nosso casamento, sugeriu



Família Monteblanco, 2014

que nós colocássemos a “lá na eira” como Gideão fez no livro de Juízes. Então, juntos em oração, pedimos a Deus que nos desse algum tipo de resposta até o dia 1 de maio.

Exatamente no dia 1 de maio, o telefone tocou. Era o Dr. Downs. Ele havia almoçado com um pastor do distrito que se sentiu chamado para ajudar de alguma forma com o projeto em Cactus. O pastor não sabia exatamente como seria, mas queria levar o projeto para a sua próxima reunião. O Dr. Downs disse ao pastor sobre a nossa família e mencionou que talvez seria melhor trazer um diretor para o Centro de Ministérios. Será que a igreja do pastor talvez considerasse ajudar a pagar o salário de um diretor?

Como alguém que nasceu e cresceu na igreja, eu estava acostumada com respostas de orações. Mas, pela primeira vez na minha vida, foi como se Deus tivesse falado diretamente comigo. Deus respondeu nossas orações de uma maneira muito específica no dia exato que tínhamos marcado.

Uma semana mais tarde, recebemos uma ligação tarde da noite de um extasiado Dr. Downs. Ele acabara de receber um telefonema do pastor e da junta da igreja, comprometendo-se a apoiar completamente a família Monteblanco por um ano como “missionários” do Distrito Oeste do Texas em Cactus, Texas. Embora o nosso campo missionário não fosse em um país distante, fomos chamados pelo distrito para servir transculturalmente em uma cidade a mais de 1.600 quilômetros de Racine.

“O quê? Espere um pouco! Deus, o que o Senhor está fazendo? Nós não concordamos com isso. As coisas aqui em Racine estão bem. Os preparativos para o culto de Pentecostes estão sendo feitos. Temos planos para os ministérios de verão. E os nossos filhos? Onde eles irão estudar? Onde vamos morar?”

Duas semanas depois, no Culto de Pentecostes, a Igreja do Nazareno de Taylor Avenue teve o culto mais surpreendente nos três anos e meio que tínhamos servido lá. Tivemos seis batismos, a apresentação de nove novos membros e quatro transferências, duas dedicações de bebês e um altar cheio de pessoas que buscavam oração e cura.

Claro, Deus tinha respondido as nossas orações sobre Cactus. As portas estavam se abrindo, e não poderíamos negar que Deus estava trabalhando em tudo isso. Mas ainda tínhamos questionamentos. Será que Deus realmente estava nos chamando para sair – deixar todo o conforto, deixar os nossos sucessos, deixar as novas escolas de nossos filhos e deixar os nossos amigos?

“Deus, o Senhor está nos abençoando e nos usando aqui mesmo em Wisconsin. Demos nossas vidas a Ti. Demos-lhe o nosso dízimo. Nós até demos quatro vezes mais na nossa oferta de Promessa de Fé. Não é o suficiente? Certamente esquecemos de algo. O Senhor quer que façamos o quê? O Senhor quer que nós... Vamos a uma cidade pobre, suja e fedida que necessita da luz de Cristo. Amemos as pessoas, façamos parte da vida das pessoas, descubramos as suas necessidades e venhamos a suprir as suas necessidades. O Senhor está nos chamando para viver o evangelho. Literalmente, sermos Cristo em meio a vida dessas pessoas, para que elas possam vê-Lo e serem redimidas, transformadas e santificadas”.

Sim, Deus estava nos chamando para fazer exatamente isso.

Na semana seguinte, no fim de semana do Dia da Memória em 2013, nos ajoelhamos no altar da Primeira Igreja do Nazareno, em Amarillo, Texas, durante o culto da Promessa de Fé e assinamos o contrato para nos tornarmos diretores do Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus (CMNC) no Texas. Naquela tarde, visitamos

Cactus para o culto inaugural do CMNC. Enquanto olhávamos ao redor da propriedade, Olivia olhou para Vito e para mim e, com fé muito maior do que os seus seis anos, disse: “Essas pessoas precisam conhecer a Jesus. Precisamos contar a elas”.

Estas palavras eram exatamente o que Vito havia pregado durante três anos na Igreja do Nazareno da Taylor Avenue. De tempos em tempos, ele pregava sobre “ser” a Igreja. Cercados pelo amor e pelo apoio dos membros da igreja, havia chegado a hora de darmos um salto de fé e praticarmos o que havíamos pregado. Era hora de sairmos das paredes do edifício da igreja – embora ninguém soubesse com certeza como seria – para ser as mãos e os pés de Jesus em Cactus, Texas.

CAPÍTULO 4

Cactus

No dia 4 de agosto de 2013, Vito, Jenni, Olivia e Elias Montebanco estacionaram em um lote praticamente vazio de 1,2 hectares em Cactus. O caminhão de mudanças continha tudo o que restava de nossas vidas. Apenas dois dias antes, havíamos saído de Racine, deixando para trás um amplo ministério. Tínhamos vendido mais da metade de nossos pertences para que pudéssemos mudar o que havia restado para uma casa móvel de largura única.⁶ A casa era a única coisa neste pequeno acre de terra, que em breve se tornaria o Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus.

No final do mês, a construção da fundação para o centro já começaria, e o aço para o próprio centro já tinha sido comprado. No entanto, naquele momento, tudo o que existia era o terreno e a nossa casa.

⁶ Uma casa móvel de largura única é um edifício de geralmente 15 pés (4,5 metros) por 72 pés (22 metros). É construído em uma fábrica, em seguida, transportado para um local permanente ou semi-permanente. Também pode ser chamado de trailer ou caravana.

Na frente da nossa casa havia um grande buraco de 6 metros onde “eles” estavam tentando encontrar a rede de esgoto para conectar a nossa casa. A eletricidade não tinha sido instalada. A rede de esgoto ainda não havia sido encontrada. Não havia nenhum degrau que conduzisse à porta da casa móvel. Então nós estacionamos o caminhão de mudanças próximo da casa e começamos a descarregar diretamente na porta da frente.

Nós tínhamos chegado ao último item do caminhão, um piano vertical que tinha sido doado à Olivia por uma família em Wisconsin. Olhamos para os poucos homens que nos ajudavam a descarregar, eles estavam exaustos e nós também. Como colocaríamos o piano na casa?

De repente, da esquina vieram cinco homens africanos altos, vestidos de terno para a igreja. Vito, com 1 metro e 90 centímetros, podia olhar os homens nos olhos, e sua pele hispano-americana era muito mais leve do que a pele muito escura dos recém-chegados, que logo aprendemos eram do Sudão do Sul. Eles deram uma olhada para aquele piano e sem esforço nenhum levantaram-no diretamente passando pela porta da frente. À medida que desempacotávamos nossos pertences em nossa nova casa e começávamos a montar a casa, rapidamente percebemos que nosso mundo seria completamente diferente em Cactus.

Cactus, Texas, é uma cidade que surpreendentemente não tem muitos cactos de verdade. Pelo contrário, Cactus é uma cidade de aproximadamente 4.000 pessoas, onde o inglês é apenas uma das mais de 40 línguas faladas. Durante os três anos que temos vivido aqui, conhecemos pessoas de mais de 20 grupos étnicos. É uma cidade onde eu não posso simplesmente perguntar: “De onde você é?” Em vez disso, eu tenho que perguntar: “De que tribo, clã ou

etnia indígena você é?” Quase todos os países representados em Cactus têm mais de um grupo de povos vivendo ali e, em muitos casos, três ou quatro etnias indígenas. Embora possam ser do mesmo país, cada etnia pode falar uma língua diferente e muitas vezes praticar uma religião diferente das outras etnias daquele país.

Aproximadamente dois terços das pessoas em Cactus são refugiadas – pessoas que foram forçadas a deixar os seus países para escapar de guerras, perseguições ou desastres naturais. Os refugiados em Cactus são refugiados de segunda geração, o que significa que a maioria veio para os Estados Unidos, entrando através de uma grande cidade, em seguida, mudando-se para Cactus para estar perto da família ou encontrar emprego. Atualmente, a maioria dos refugiados em Cactus são do Sudão, Somália, República Democrática do Congo e Mianmar (Birmânia).



Casa típica em Cactus.

Um terço restante das pessoas em Cactus são imigrantes do México e da Guatemala, alguns documentados e alguns sem documentos. Recentemente começamos a ver imigrantes de Porto Rico, Cuba e Haiti a se mudarem para a área também. Enquanto a maioria dos imigrantes escolheu deixar os seus países de origem, em vez de serem expulsos como os refugiados, as histórias de ambos os grupos são muito semelhantes.

Hoje, em qualquer grande cidade dos Estados Unidos, você vai encontrar esses grupos culturais e muito mais. A diferença em Cactus é que não existe a presença do típico Americano branco. Não há nenhuma estrutura econômica americana típica e certamente nenhum luxo típico americano.

Os refugiados e imigrantes chegaram em Cactus para encontrar trabalho. Uma unidade de processamento e embalagem de carne bovina – pertencente a uma das quatro maiores empresas de processamento de carnes dos EUA – faz de Cactus no Texas, a sua casa. Ela tem capacidade de processar mais de 5.000 cabeças de gado por dia, começando com gado vivo até chegar ao curtume. A fábrica emprega mais de 3.000 funcionários e mais de 500 funcionários de nível gerencial. Em 2008, a planta começou a contratar refugiados e é agora a única razão que Cactus, Texas, existe. Aqueles que não trabalham na fábrica de embalagens, trabalham em pátios de gado próximos e laticínios ou são trabalhadores migrantes em fazendas vizinhas.

Cactus é uma cidade onde as pessoas vêm para encontrar outros como eles. Encontrar outros que como eles estão separados, à margem da sociedade, considerados como intrusos, criticados e julgados. Eles não estão vivendo o “sonho americano” que, com certeza, muitos pensaram quando começaram sua jornada aos

Estados Unidos. Eles não entendem nossa cultura, nossa linguagem, nosso modo de vida geral. Para alguns, um simples fogão de cozinha é algo estranho, porque eles estão acostumados a cozinhar em braseiros no chão. Para outros, uma cama para cada membro da família é um luxo que apenas os ricos podem pagar; eles dormem em grupos familiares no chão.

Os poucos em Cactus que são nativos dos Estados Unidos também estão muitas vezes fugindo de alguma coisa. A maioria está fugindo de vícios, pobreza e ciclos que atormentaram a família por gerações. Para eles, Cactus é “o melhor que se tem”.

Esta é uma cidade cheia de pobreza,⁷ onde muitas das casas já estariam condenadas se estivessem localizadas em qualquer outro lugar. Não há supermercado e a única loja que lembra os Estados Unidos é uma loja de \$1 dólar que muitas vezes fica refém da “cultura” de Cactus, fechando sempre quando querem e deixando cartelas de ovos quebrados no chão por dias. Não há posto de saúde. Não há atividades pós-escolares ou esportivas além daquelas que o CMNC começou na cidade.

Cactus é uma cidade intencionalmente esquecida, desprezada e mal falada. No entanto, é aqui que a Igreja do Nazareno decidiu que poderia fazer a diferença. O Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus (CMNC) veio de uma paixão de não apenas pregar o evangelho aos domingos de manhã, mas viver o evangelho diariamente e encontrar pessoas onde e como elas estão, no meio de suas vidas confusas.

O CMNC é um centro de ministérios de compaixão centrado em Cristo e que compartilha a esperança de Cristo através de serviços

⁷ 15.4 por cento da população tinha rendimentos abaixo da linha de pobreza – \$ 23.834 dólares para uma família de quatro em 2014.

sociais que capacitam as pessoas e a comunidade de Cactus a viverem vidas bem-sucedidas e a alcançar seu pleno potencial.

Nós nos esforçamos para sermos as mãos e os pés de Jesus enquanto vivemos lado a lado com os imigrantes e refugiados em nosso meio. Nós nos esforçamos não apenas para dar panfletos, mas para ensinar as pessoas e capacitá-las a viver com êxito em sua nova casa, com o objetivo final de que um dia eles possam encontrar Jesus. Derramamos amor, oferecemos misericórdia, compartilhamos graça e demos esperança.

Fomos chamados a viver lado a lado com o povo de Cactus, no Texas, para mostrar-lhes o amor, e um dia levá-los a um relacionamento com Jesus Cristo que irá transformar a vida deles.

Vivemos lado a lado quando mostramos como usar um fogão e ensinamos a cozinhar alimentos que são novos e diferentes para eles.

Vivemos lado a lado quando compramos uma lata de lixo para eles, quando passamos tempo limpando a casa e explicando cada produto de limpeza com mais linguagem de sinais e linguagem corporal do que eu jamais imaginei que seria humanamente possível.

Vivemos lado a lado quando aprendemos sobre as hortaliças *deles* e como cozinhá-las e apreciá-las; plantas que nem sequer sabíamos que existiam, muito menos que eram comestíveis.

Vivemos lado a lado quando cultivamos nossos próprios jardins e oferecemos produtos frescos neste deserto, ensinando-os a como cuidar do solo duro do Texas.

Vivemos lado a lado quando fornecemos cobertores quentes e casacos para toda uma família, enquanto ensinamos dicas de saúde de como viver nas temperaturas congelantes tão comuns nos invernos de Panhandle, no Texas.

Vivemos lado a lado quando os ajudamos a preencher a papelada de imigração e orientamos acerca das opções de planos de saúde acessíveis.

Vivemos lado a lado quando ajudamos a instalar cadeirinhas para crianças nos carros e explicamos as leis de trânsito.

Vivemos lado a lado respondendo a perguntas difíceis como: “O que devo fazer quando eu sei que meu marido tem uma namorada?” E a perguntas mais fáceis como: “Por que você decidiu ser um cristão?”

Fomos chamados ao povo de Cactus – múltiplas religiões, sem religião, bêbados, viciados, criminosos, trabalhadores, divorciados, crianças com pais diferentes e vítimas de abusos – para viver entre eles, compartilhar a vida, construir amizades, conhecê-los e amá-los.

Não existe uma fórmula mágica; não existe um guia. Na realidade, as coisas no CMCN às vezes podem parecer um pouco diferentes se comparadas ao ministério “típico” de uma igreja. Tradicionalmente nos Estados Unidos, uma igreja funciona com um papel específico numa sociedade organizada. Mas quando a sociedade não é organizada, a Igreja tem de assumir um papel diferente. No nosso caso, significa ser paciente, amoroso, disposto a aprender e disposto a ser flexível. Significa viver nossas vidas em meio à provações e dificuldades semelhantes às enfrentadas pelas pessoas a quem ministramos. Significa dar 100 por cento em tudo o que fazemos. Às vezes, fazemos isso muito bem e temos um enorme sucesso. Outras vezes, fracassamos completamente. No entanto, *todas* as vezes, damos glória a Deus, independentemente do que acontece.

Permita-me lhe apresentar algumas pessoas de Cactus.

As pessoas que vivem em Cactus, Texas,
vêm dos seguintes países
do hemisfério ocidental:
México, Guatemala, Cuba, Haiti, Porto Rico e Guiana.



As pessoas que vivem em Cactus, Texas,
vêm dos seguintes países
do hemisfério oriental:
Sudão, Sudão do Sul, República Democrática do Congo,
Somália e Mianmar.



CAPÍTULO 5

Kuol

Nós conhecemos Kuol no nosso primeiro dia em Cactus, antes mesmo de nos mudarmos para cá. Foi no dia em que tivemos um culto inédito, no dia em que assinamos o nosso contrato, no dia em que dissemos “sim” a Cactus. Naquele dia, conhecemos muitos homens sul-sudaneses, alguns da tribo Dinka e outros da tribo Nuer. Muitos dos homens eram altos, vários mais altos do que Vito. Os homens nos foram apresentados como alguns dos “Meninos Perdidos”. Sabíamos que isso era significativo; mas na época, não sabíamos o peso que aquele título carregava.

Desse grupo de homens, havia algo diferente em Kuol. E enquanto Kuol não podia verbalizar exatamente o que Deus estava fazendo em sua vida, ele sabia que Deus o estava chamando para algo.

Passamos muito tempo com Kuol quando nos mudamos para Cactus. Ele e alguns dos outros sul-sudaneses nos ajudaram quando começamos a despejar a laje de cimento no Centro de Ministérios. Eles sabiam que um dia este edifício serviria como a sua igreja.

Conforme os relacionamentos foram se desenvolvendo, Dr. Downs trouxe o pastor Michael Gatkek para Panhandle. O pastor Michael serviria como plantador de igrejas africanas no Distrito Oeste do Texas. Uma das primeiras igrejas a ser plantada foi a Igreja do Nazareno Missionária Africana de Cactus. Em março de 2014, esta nova igreja realizou o seu primeiro culto em uma sala alugada no YMCA local, uma vez que o centro ainda estava sendo construído por voluntários. A congregação, composta principalmente de sul-sudaneses do Sudão do Sul, era liderada principalmente por Kuol, que havia se tornado o líder religioso leigo do pequeno grupo.

Nas tardes de domingo, Vito e Kuol dirigiam pela cidade dando a muitos dos homens carona para a igreja. Quando o pastor Michael não conseguia chegar a Cactus para o culto, Vito e Kuol compartilhavam as responsabilidades. Kuol liderava o louvor e Vito pregava. Nós compartilhávamos as refeições juntos e começamos a nos conhecer melhor.

Durante o outono, inverno e na primavera, os voluntários ajudaram a construir a armação do Centro de Ministérios e começaram a levantar as paredes do interior do edifício.

Quando o verão de 2014 começou a se aproximar, várias equipes de Trabalho & Testemunho foram agendadas para vir a Cactus. Nós realmente queríamos que as equipes ouvissem uma história dos refugiados, mas ainda não havíamos ouvido a história completa de Kuol. Um dia ele mencionou que queria ser usado de forma a inspirar e encorajar as pessoas. Sabendo que Kuol tinha compartilhado antes a sua história com outros, Vito o convidou para falar aos grupos. Kuol aceitou, dizendo que não se importava de compartilhar a história se ela inspirasse nos outros uma mudança de vida.

Kuol e seus amigos prepararam uma refeição tradicional sudanesa para um dos grupos de jovens que tinha vindo a Cactus. Um grupo de africanos chegou para começar a cozinhar às 16:30 para o jantar que aconteceria às 18:00 horas. Nós comemos em torno das 20:00 horas – de acordo com o “horário Africano” típico. Depois da refeição, nós nos reunimos para um tempo de louvor e adoração. Seguindo a música liderada pelo líder de jovens, tivemos um tempo de oração, e apresentamos Kuol. Quando lhe deram o microfone, podíamos perceber que ele estava extremamente nervoso; suas primeiras palavras mal foram ouvidas enquanto ele se acostumava com o público.

Kuol tinha apenas quatro anos quando a guerra estourou no Sudão. Ele não se lembrava de seu pai, um policial que morreu cedo durante o conflito.

Todos os dias, durante esse tempo, a mãe de Kuol preparava o almoço para ele e seus irmãos e os mandava para uma região com gramado alto perto da aldeia. Lá eles permaneciam escondidos até tarde. Durante meses, Kuol e seus irmãos fizeram a caminhada até o alto gramado no final da aldeia. Às vezes, eles passavam o tempo brincando. Outras vezes, seus irmãos trabalhavam nos campos com o gado. Mas sempre estavam vigilantes e prontos para correr se houvesse a necessidade.

Havia várias histórias de soldados extremistas do norte que estavam sequestrando crianças de aldeias Dinka. Os rumores eram de que as crianças passavam por uma lavagem cerebral para se tornarem soldados contra o seu próprio povo, contra as suas próprias famílias.

Um dia, quando Kuol tinha cinco anos, ele se escondeu no gramado com um primo de 11 anos. Seus irmãos estavam no campo, cuidando do gado. Os dois garotos estavam esperando

silenciosamente até o pôr do sol, aguardando o momento em que poderiam voltar para as suas famílias. Então eles ouviram um inconfundível barulho – tiros de arma.

O menino mais velho agarrou na mão de Kuol e começaram a correr. Os meninos não tinham nenhum destino em mente; suas instruções eram simplesmente correr para o leste. Quando os tiros de arma se transformaram em explosões, os meninos olharam para trás para ver uma coluna de fumaça saindo do que restava de sua aldeia. Kuol queria gritar por sua mãe, mas ele fez como lhe havia sido instruído e continuou correndo.

Os pés descalços logo começaram a latejar, mas os meninos não pararam. Nus e sem comida, encontraram outro grupo de pessoas fugindo para o leste. Juntando-se a esse grupo, eles fizeram planos para viajar para uma local possivelmente mais seguro na Etiópia.

Às vezes Kuol começava a chorar, sofrendo por sua mãe. Seu primo gentilmente incentivava Kuol a continuar, tranquilizando o garoto de cinco anos de que eles iriam encontrar sua mãe lá na frente na próxima parada ou ao dobrar a esquina. Mas ela não estava lá.

A fome e a desidratação eram realidades para os refugiados. Muitos dos que viajavam com os meninos desistiram, mas Kuol e seu primo continuaram.

Depois de três meses de caminhada, os meninos entraram em um campo de refugiados na Etiópia. Seus pés estavam cobertos de feridas, seus corpos estavam grossos pela exposição e a fome estava estampada em seus rostos. Comida havia sido colocada na frente dos viajantes tão rapidamente como havia sido tirada deles durante a sua viagem. Muitos dos refugiados passaram mal por terem comido muito rápido e demais. No entanto, o primo de Kuol instruiu o garoto mais jovem a se acalmar.

A vida no campo de refugiados poderia ser considerada mais fácil do que na estrada, mas as condições não eram. Não só isso, mas eles ainda não haviam conseguido encontrar a mãe de Kuol ou qualquer outro membro da família também.

Durante os três anos seguintes, o menino mais velho ensinou o seu primo a nadar, algo que tinham aprendido como uma necessidade durante as suas viagens. No caminho para a Etiópia, os meninos tiveram que atravessar o rio Nilo. Nesse ponto, já que Kuol não conseguia nadar, seu primo carregava Kuol pelos ombros pelas águas infestadas de crocodilos. Muitos companheiros de viagem afogaram-se ou foram comidos, mas juntos Kuol e seu primo atravessaram o rio. Assim que Kuol aprendeu a nadar, o primo de Kuol partiu para se juntar às forças rebeldes da parte sul do Sudão.

Pouco depois, a guerra civil estourou na Etiópia, e um lado do conflito escolheu atacar os campos de refugiados. Mais uma vez, os sudaneses fugiram para salvar as suas vidas. Eles se apressaram para atravessar a fronteira para o Sudão. No entanto, o conflito logo alcançou os viajantes cansados.

Nadando para o outro lado do rio em direção ao Sudão, Kuol podia ouvir as balas passando, pessoas se afogando enquanto tentavam chegar até a margem, e corpos flutuando no rio. Do outro lado do rio, os viajantes esgotados continuavam a correr.

Kuol e os outros, ao procurar um lugar para parar, descobriram um local isolado perto de um lago com peixes grandes para pescar. Havia também um bom número de árvores frutíferas que forneciam um sustento adicional. A localização era baixa, e porque a área em torno deles tinha sido inundada recentemente, nenhum veículo poderia alcançá-los. Por aquele tempo, eles se sentiram seguros contra os ataques do norte.

Infelizmente, não demorou muito para que o exército invasor descobrisse o grupo de sudaneses, escondidos em seu acampamento improvisado nas terras baixas. À medida que o tempo começou a esquentar, as enchentes diminuíram. A notícia chegou aos refugiados de que o exército estava vindo para pegá-los. Não demorou muito para que eles levantassem acampamento e fugissem novamente.

Depois de muitas semanas, o grupo encontrou um outro campo de refugiados, desta vez no Quênia. Kuol se inscreveu no Alto Comissariado para Refugiados das Nações Unidas (UNHCR) e começou a se instalar permanentemente. Depois de anos fugindo, ele finalmente pôde começar a frequentar uma escola.

Poucos anos mais tarde, Kuol, aos 14 anos, decidiu abandonar o campo de refugiados e lutar com o exército rebelde no Sudão. Ele lutou por seu país por três anos, enfrentando a guerra com todos os seus horrores, violência e morte. Durante uma batalha, uma bomba caiu a poucos metros de Kuol, o choque da explosão o jogou longe. Quando finalmente conseguiu se levantar, percebeu que tinha perdido toda audição e que muitos de seus amigos haviam sido mortos.

Kuol ficou surdo por um ano, quando um dia, sua audição foi repentinamente restaurada. Ao invés de se alistar novamente, Kuol retornou ao campo de refugiados no Quênia.

Doze longos anos depois de fugir de sua aldeia, ele foi selecionado para o reassentamento de refugiados nos Estados Unidos com a idade de 17 anos. Em Phoenix, Arizona, Kuol viveu com uma família adotiva, permitindo-lhe a graduação do ensino médio e frequentar uma faculdade comunitária.

Kuol nunca encontrou a sua mãe. Depois que ele se reassentou nos Estados Unidos, ele localizou um de seus irmãos e soube que

sua mãe havia saído de sua aldeia durante o primeiro ataque. Ela se reassentou em outra aldeia. Infelizmente, uma bomba caiu em sua casa naquela aldeia, e sua mãe morreu segurando o irmão mais novo de Kuol. O dia em que ela o mandou se esconder no gramado alto foi a última vez que Kuol viu a sua mãe.

Quando Kuol terminou, não havia um olho seco no culto. Uma jovem senhora, à beira de seu assento e com lágrimas rolando por sua face, expressou o quão envergonhada e culpada ela se sentia por causa de sua própria situação. Ela tinha crescido com grande privilégio e com uma família que a amava, mas ela tinha jogado tudo fora e cortado todo contato com a família. Kuol a encorajou a tentar se reconectar com sua família, explicando que nunca era tarde demais para tentar reconciliação. Embora não tivesse percebido naquele momento, Kuol acabara de pregar seu primeiro sermão.



Kuol pregando.

À medida que os meses foram passando, Kuol compartilhou a sua história muitas vezes, tornando-se cada vez mais confortável enquanto conduzia outros a decisões que mudavam as suas vidas. Ele começou as aulas do Curso de Estudos Nazareno – a preparação educacional exigida daqueles que procuram a ordenação na Igreja do Nazareno. Ele se tornou um pastor leigo sob a mentoria do pastor Michael e Vito.

No entanto, um dia, Kuol de repente nos disse que ele estava partindo. Havia muita decepção em Cactus. Os homens sudaneses não estavam mudando, e trabalhar na fábrica era simplesmente muito difícil. Com lágrimas nos olhos, nos despedimos de Kuol enquanto ele fugia de Cactus, procurando um novo emprego e um novo lar.

Tentamos manter contato, mas logo o número de telefone do Kuol mudou, e as conversas cessaram. A última notícia que ouvimos, é que ele estava frequentando uma Igreja do Nazareno em outra cidade.

Por mais de 30 anos, tudo o que Kuol conhecia era uma vida em fuga. Nossa esperança e oração é que Kuol encontre, em Cristo, a paz e a força que o levará a parar de correr.

CAPÍTULO 6

Patricia

Durante o nosso primeiro outono em Cactus, eu caminhava para a escola toda tarde para pegar Olivia e Elias.

Por que a cidade não tem a estrutura econômica para suportar seu próprio distrito escolar, a escola primária é parte do distrito escolar de Dumas (Dumas, Texas, é uma cidade a 21 quilômetros de Cactus). As crianças de Cactus frequentam a escola primária de Cactus até a quarta série e depois são transportadas até a cidade vizinha para o restante da escola primária e secundária.

Olivia e Elias começaram a segunda série e o jardim de infância, respectivamente, apenas três semanas depois de chegarmos. Eles rapidamente fizeram amigos e começaram a se destacar de maneiras que não havia acontecido anteriormente. Aprendemos que todos os professores da Escola Fundamental de Cactus tinham certificado de Inglês como Segunda Língua (ISL). Sendo assim, eles poderiam implementar estratégias de ISL na sala de aula, uma vez que a maioria dos alunos eram aprendizes da língua inglesa, o que significa que eles não falam inglês como a sua primeira língua. Isso

fez maravilhas não só para os alunos que não falavam inglês, mas para as nossas duas crianças que apenas falavam inglês. Estávamos preocupados de que Olivia e Elias teriam dificuldades na escola nova, mas, felizmente, nós estávamos errados.

Todas as tardes, na minha caminhada de dois quarteirões até a escola, eu cortava caminho por um grande quintal de uma casa móvel verde e marrom. Um dia, uma jovem saiu do trailer e gritou: “Ei! Você está indo para a escola?”

“Sim, eu estou”.

“Ok, eu vou com você”.

Assim começou a minha amizade com Patricia, uma jovem de 25 anos que cresceu em Cactus. Na época, ela estava grávida de seu quarto filho. Conforme Patricia e eu nos tornamos mais familiarizadas por causa de nossos passeios para a escola durante a tarde, eu descobri que seus pais tinham se mudado do México para Cactus. Ela tinha frequentado a Escola de Cactus quando era criança, e seus pais ainda viviam em Cactus. Seu marido, o pai de seus dois filhos mais novos, trabalhava como motorista de caminhão para a fábrica de embalagens.

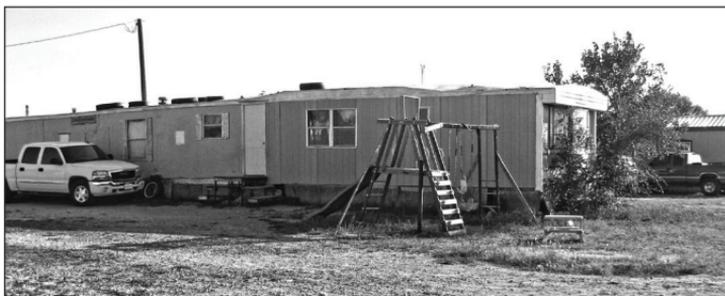
À medida que o inverno se aproximava, nossos passeios se tornaram mais curtos devido ao frio e à gravidez. Às vezes, eu pegava os dois filhos mais velhos da Patricia na escola para ela. Ocasionalmente, seus filhos vinham brincar em nossa casa, implorando por lanches e mais lanches e chorando quando era hora de ir embora, porque não queriam parar de brincar.

Uma tarde, quando deixei seus filhos, Patricia me convidou para ir a sua casa. Fiquei chocada com o que eu vi. Esta família de seis tinha pouquíssimos móveis, uma janela quebrada na sala de jantar e uma luz de mecânico de automóveis amarrada na janela

que fornecia a única luz na sala. O fogão a gás estava com as quatro bocas ligadas para aquecer a casa. Ela me disse que ela havia dado o seu último queijo com carne ao seu marido quando ele chegou em casa do trabalho, porque ele tinha trabalhado o dia todo e precisava da comida mais do que ela (uma mulher grávida).

Quando o quarto bebê de Patricia nasceu, eu a visitei no hospital. Ela estava sozinha, então eu fiquei com ela por algumas horas para fazer companhia.

Algumas semanas mais tarde, em sua casa, enquanto eu segurava o seu bebê recém-nascido e via baratas subindo pelas paredes da casa, ela chorava e me dizia que o seu marido a havia deixado por causa de uma outra mulher. Ela me disse que tinha outras opções, mas que não queria deixar Cactus, porque ela havia crescido ali.



A casa da Patricia.

Naquele verão, em 2014, Patricia, seus filhos, sua mãe e seus sobrinhos se tornaram frequentadores permanentes do Centro de Ministérios. Eles ficavam com as equipes de Trabalho & Testemunho, cozinhavam as refeições, ajudavam na construção e foram amados por nazarenos de todo o país que vieram servir ali. Patricia e sua família nunca foram oficialmente convidados a se juntar às equipes. Na verdade, com toda a honestidade, houve alguns dias

em que eles eram mais trabalho do que ajuda. No entanto, quase todas as manhãs, eles estavam no local, prontos para trabalhar, viver e rir ao lado das equipes. E quando uma equipe não estava lá, eles queriam saber quando a próxima viria.

Eventualmente, as crianças de Patricia começaram a ir à igreja conosco nas noites de quarta-feira na Igreja do Nazareno em Dumas, Texas. Patricia e eu tivemos algumas conversas difíceis sobre a sua caminhada com Cristo. Embora Patricia tivesse recebido uma criação católica e não estava frequentando a missa há muito tempo, ela achava que estava “bem”. Ela iria quando as coisas melhorassem ou se tivesse tempo.

Conforme o verão se transformou em outono e outono em inverno, eu notei que a Patricia não estava mais por perto. Evidentemente que eu também estava ocupada e me peguei dirigindo para a escola com mais frequência, ao invés de caminhar.

Um dia eu enviei uma mensagem de texto para a Patricia para perguntar como ela estava. Ela me disse que tinha encontrado um emprego em Dumas, já que seu marido não estava mais enviando pensão às crianças. Duas semanas depois, ela me disse que conheceu um novo homem e que ela e as crianças estavam se mudando para o seu apartamento em Dumas. A casa móvel dela, verde e marrom, agora estava vazia. Cada vez que eu olhava para a casa, eu me sentia derrotada.

“Por quê Deus? Por que eu dei tanto de mim para ela e ela simplesmente fugiu com o primeiro cara que ela conheceu? Qual foi o propósito? O que eu fiz de errado? Será que eu poderia ter feito alguma outra coisa para que ela ficasse? Como eu poderia ajudá-la a ver que o Senhor é a única coisa que ela precisa?”

Após a sua mudança, nós trocamos mensagens de texto de vez em quando conforme ela compartilhava os altos e baixos de sua nova vida. As crianças pararam de ir à igreja. Patricia estava ocupada trabalhando em tempo integral e cuidando de sua família. Eu fiz questão que ela soubesse que eu a amava e que eu estava orando por ela, mas rapidamente nossa amizade foi tornando-se mais silenciosa e silenciosa.

Avançando para janeiro de 2015, quando eu estava sentada na Escola Dominical na Igreja do Nazareno de Dumas. A aula estava quase acabando quando ouvi uma voz familiar chamando seus filhos. Eu estava ouvindo corretamente? Patricia estava *na igreja*? De fato, Patricia entrou na sala de aula, sentou-se ao meu lado e sussurrou: “O que estamos fazendo?”

Alguns minutos mais tarde, nós caminhamos para o santuário para o culto. No meio do sermão, Patricia virou-se para mim com lágrimas nos olhos e disse: “Jenni, estou tão perdida”.

Eu a segurei enquanto conversávamos e chorávamos e orávamos. Patricia disse que ela sabia que precisava parar de tentar fazer tudo sozinha, que precisava de Deus para controlar a sua vida.

Naquela tarde, coloquei seus filhos no carro para passar a tarde em nossa casa enquanto ela ia para o trabalho. Enquanto suas palavras ressoavam em meus ouvidos, “Estou tão perdida”, Deus me lembrou: “Veja, Jenni, você está fazendo exatamente o que eu tenho chamado você para fazer. Você está amando a Patricia. Você está amando os filhos dela. Você está amando Cactus”.

Gostaria muito de lhe dizer que as coisas melhoraram a partir daí, que a Patricia teve sua vida transformada. Infelizmente, esse não é o caso. Sinceramente, não sei o que será de Patricia e sua família. Eu não sei quando ela estará sentada nos bancos da Igreja

do Nazareno de Dumas – ou qualquer outra igreja – novamente. Eu não sei quando ela vai realmente dar o controle de sua vida a Deus de uma vez por todas.

O que eu sei é que Patricia e seus filhos, sua mãe e seus sobrinhos têm sido regularmente uma parte da vida do CMCN. Sempre que uma equipe de Trabalho & Testemunho está na cidade, Patricia e seus filhos e sua mãe estão lá, muitas vezes para cozinhar refeições e servir os membros da equipe. Patricia ainda está procurando o que irá preencher o vazio em sua vida. Por causa dos relacionamentos que construiu com aqueles que vieram servir em Cactus, tenho fé que ela um dia aceitará o amor e a aceitação de Deus.

CAPÍTULO 7

Rana

Nós havíamos visto Kennard algumas vezes enquanto pegávamos nossos filhos na escola, mas não podia dizer onde era a “casa” dele. Um dia nós cruzamos olhares e trocamos saudações. Ele falava inglês, mas com um forte sotaque. Vito e eu brincamos que ele tinha que ser jamaicano, mas por que um jamaicano iria se mudar para Cactus? Cumprimentos logo se transformaram em conversas, e aprendemos que Kennard era da Guiana. Ambas as filhas dele estavam nas mesmas classes que nossas crianças, assim uma amizade começou a se formar.

Algumas semanas depois, conhecemos a sua esposa, Rana. Linda! Foi isso que me impressionou quando vi Rana. Ela era impressionante: alta e esbelta. Ela falava inglês claro com apenas um pouco de sotaque. Presumimos que, como Kennard, ela também era da Guiana.

Na época, o pastor Michael Gatkek iniciou os planos para a Igreja do Nazareno Missão Africana de Cactus (agora Igreja Africana de Cactus). Abordamos a uma outra congregação na área

para que o grupo emprestasse o seu edifício para uma reunião, e a reunião foi anunciada à comunidade sudanesa. O pastor Michael pediu que nos juntássemos aos presentes. Ele particularmente queria que conhecêssemos uma jovem família que estaria na reunião. Em Cactus, a maioria da comunidade sudanesa é constituída por homens solteiros, aqueles que são considerados os “Meninos Perdidos” do Sudão. No entanto, havia uma mulher sudanesa que Michael conhecera quando ela era criança, trabalhando com a mãe da menina nos campos de refugiados.

Quando abrimos a porta da igreja, vimos Kennard, Rana e seus filhos sentados nos bancos. Nós rimos, sabendo que a Guiana é um país sul-americano, não um país africano. Rapidamente, Michael correu para nos apresentar a sua amiga sudanesa, Rana. Com sorrisos e grandes abraços, saudamos os nossos “novos” amigos. Nossos caminhos já haviam se cruzado muitas vezes, mas ainda não nos conhecíamos. Nós aprendemos naquele dia que Rana não era guianesa como nós tínhamos pensado, ela era da tribo Dinka do Sudão do Sul.



A família da Rana na festa de aniversário.

Em março de 2014, a Igreja do Nazareno Africana de Cactus foi oficialmente inaugurada com a presença de 27 pessoas. Kennard, Rana, e seus três filhos foram alguns dos primeiros ali. Mas viver em Cactus era difícil para a família de Rana. Kennard trabalhava no curtume da fábrica de carnes, usando produtos químicos que queimavam e deixavam cicatrizes em seus braços. Rana, tendo se mudado de uma grande cidade para Cactus, não tinha nada para fazer. Não havia nenhuma loja, pouquíssimos amigos e nenhum trabalho para ela fora do trabalho duro na fábrica de processamento de carnes. Eles gostaram da comunidade que havia sido formada com a igreja africana. Entretanto, como Kennard não era sudanês, ele nem sempre se encaixava.

A amizade entre nossas famílias, no entanto, se tornava cada vez mais forte. Uma tarde, Rana me disse que sua filha, cujo aniversário estava chegando, tinha pedido uma festa de aniversário. Rana não sabia como fazer uma festa de aniversário. Seu apartamento era pequeno, eles não tinham muitos amigos e o dinheiro era pouco.

O entusiasmo tomou conta de mim imediatamente. Poderíamos dar a sua filha uma festa de aniversário como presente! Na semana seguinte, acendemos a churrasqueira e cozinhamos hambúrgueres. O pequeno parque na esquina da propriedade do CMCN ganhou vida naquela tarde com mais de 20 crianças brincando, rindo, e simplesmente fazendo o que crianças gostam de fazer. Alegria e paz estavam estampadas no rosto de cada pessoa naquela noite.

Durante a refeição, aprendemos que Kennard cresceu em uma grande comunidade guianense no Brooklyn, Nova York, EUA. Ele falava crioulo guianês (crioulo com base inglesa) e inglês. A vida tinha sido difícil para ele enquanto ele se encontrava dentro e fora de gangues e drogas. Ele estava constantemente correndo de uma

gangue para outra, buscando “algo melhor”. Cactus era apenas mais um movimento nesta busca. Kennard tinha ouvido dizer que havia empregos bem remunerados aqui, mas não era nada do que ele esperava.

Rana então contou um pouco de seu passado. Uma noite, quando Rana tinha 11 anos de idade, ela foi acordada de repente. Com olhos cansados e meio adormecida, ela finalmente se concentrou no rosto tenso de sua mãe. Imediatamente ela estava bem acordada, o tempo tinha chegado. Sua mão alcançou seu pequeno pacote de roupas e outros materiais de necessidade que se encontrava no mesmo local todas as noites, apenas para esta ocasião. Rápida e silenciosamente, a família de Rana saiu da cabana e da aldeia e começaram a fugir.

Rana nunca se lembrava de haver conhecido o seu pai. Mas ela tinha ouvido histórias e viu a maneira como as pessoas tratavam a sua mãe, com respeito e, sim, com medo. Seu pai era um general da rebelião, lutando nos exércitos do sul contra os invasores do norte. Ele tinha a reputação de ser uma pessoa muito dura e violenta. A mãe de Rana sabia que se os soldados chegassem à aldeia, eles prestariam uma atenção especial a ela e seus filhos.

A família de Rana logo se encontrou com outras pessoas, caminhando à noite quando estava mais frio e quando os grandes animais dormiam. Os homens caminhavam durante o dia, à frente das mulheres e crianças, para explorar o caminho. Caminhando semana após semana em direção a um campo de refugiados, Rana e sua família aprenderam a sobreviver. Sobrevivência às vezes vinha por meio da generosidade dos outros, mas na maioria das vezes foi simplesmente fazer o que dava para fazer com o que estava disponível. Rana descreveu como era a sede dos viajantes e como

rapidamente aprenderam a examinar as poças para determinar se a água era segura para beber. Quando encontravam água “boa”, eles enchiam todos os recipientes conforme cada pessoa podia carregar, pois sabiam que eles não encontrariam outra poça segura por dias.

Quando o grupo chegou no campo de refugiados, a vida não era tão mais fácil. Eles deram à família de Rana uma lona e quatro varas para montar uma barraca, que seria sua casa pelo tempo que permanecessem por lá. A reputação do pai de Rana deu à família benefícios adicionais, mas a vida ainda era difícil. Alguns dias eles receberam três refeições, outros dias Rana e seus amigos eram mantidos ocupados para não notarem quão famintos estavam.

Rana ansiava por aprender e sempre sentava-se sob a janela aberta da escola improvisada no acampamento, ouvindo atentamente. Em sua cultura, as meninas não tinham permissão para frequentar a escola.

O status do pai de Rana permitiu que sua família fosse reassentada nos Estados Unidos depois de apenas dois anos no campo de refugiados. No entanto, a chegada aos Estados Unidos não fez com que as coisas se tornassem automaticamente melhor. De repente, com 13 anos de idade, Rana encontrou-se sendo a única pessoa negra de uma escola secundária em Nebraska. Ela não falava inglês e não tinha formação. A vida nos Estados Unidos não era exatamente o que ela esperava, Rana encontrou dificuldades na escola e foi frequentemente maltratada.

Buscando viver o “Sonho Americano”, Rana se tornou modelo e se mudou para Nova York, onde conheceu Kennard, que estava buscando uma carreira, trabalhando com música. Rana e Kennard se casaram e tiveram três filhos. Mas a renda dos trabalhos de música e modelo não foram suficientes para a sua família.

O primo de Kennard disse-lhes que ele tinha ouvido falar de um trabalho no Texas que pagava bem. Então, procurando por qualquer coisa para pagar as contas, Rana, Kennard e sua família mudaram-se para Cactus, onde Kennard trabalhava na fábrica de processamento de carnes.

Naquela noite, enquanto escutávamos Kennard e Rana, nossos corações se comoveram. Nós nos regozijamos pelo fato do CMCN, nossa amizade e a crescente Igreja Africana do Nazareno, pudessem ser exatamente o que a família deles precisava.

Algumas semanas depois, Rana me disse que ela e Kennard haviam decidido que Cactus era muito difícil para eles. Eles estavam se mudando para Fort Worth, Texas. Meu coração se partiu, e eu brinquei ameaçando prendê-los a uma das poucas árvores em Cactus. Com lágrimas nos olhos, vimos esta família, nossos primeiros verdadeiros amigos em Cactus, mudando-se com seus poucos pertences carregados em seu carro ameaçado.

Senti-me derrotada. Mais uma vez, Rana e sua família estavam correndo. Eles estavam buscando algo novo que pudesse trazer felicidade e satisfação. Mais uma vez, eu assisti (agora através do Facebook e telefonemas) enquanto aquela família, em uma nova cidade, lutava com a decepção e a mágoa. Vito e eu fizemos o nosso melhor para conectar Rana e sua família com igrejas nazarenas em Fort Worth, mas nada parecia funcionar. Mais uma vez, eu me perguntei por quê.

Parece um pouco estranho dizer isso, mas estou feliz em relatar que Kennard e Rana logo passaram por dificuldades financeiras extremas e seu casamento começou a desmoronar. Eu me regozijo com isso porque foi através deste tempo de luta que Rana se voltou para Deus. O casamento foi restaurado, Rana e Kennard

conseguiram empregos bem remunerados, seus filhos foram batizados e a família está agora muito ativa na igreja e está crescendo em seus relacionamentos com Deus. A última vez que falei com Rana, ela me disse que se mudar para Fort Worth foi a melhor coisa que eles poderiam ter feito.

Eu discordo. Depois de anos fugindo da guerra, perseguição, drogas, medo e infelicidade, correr para os braços de Deus foi a melhor coisa que eles fizeram.

CAPÍTULO 8

Andrea

“Recém-chegado em Cactus. Procurando por um sofá” era o que dizia o post no Facebook. O post na página de “Vendas em Dumas e Cactus” chamou a minha atenção porque eu raramente via mensagens de Cactus escritas em inglês. O post era de alguém chamada Andrea, e sua foto de perfil era de uma jovem com cabelo curto, arrepiado e rosa. Era óbvio que ela gostava da Disney, com base nas inúmeras tatuagens do Mickey Mouse e a Sininho cobrindo o seu corpo.

Normalmente, eu teria passado direto por aquele post, procurando algo para comprar que eu realmente não precisava. No entanto, nós tínhamos sido recentemente abençoados com uma poltrona reclinável e não tínhamos ideia do que fazer com ela. Então eu respondi: “Eu tenho uma poltrona usada. Está limpa e é confortável. Você pode pegá-la, se quiser”.

Andrea respondeu imediatamente: “Sim, nós gostaríamos. Você pode entregar?”

Nós planejamos entregar a poltrona reclinável algum dia na semana seguinte. Na época, havia uma equipe de Trabalho & Testemunho que estava nos visitando e tínhamos planejado um fim de semana muito movimentado. A poltrona poderia esperar.

Dois dias mais tarde, nós nos sentamos no *Safari Halaal Meats*, o único restaurante em Cactus. Este pequeno e modesto restaurante é de propriedade e operado por Saahid, um refugiado somaliano. Levávamos todas as equipes de Trabalho & Testemunho ao restaurante de Saahid, banquetecendo-nos com cordeiro, carne, frango, curry, arroz e massas. No restaurante de Saahid, ninguém sai com fome.

Como especialidade típica da casa, Saahid e sua família tinham preparado uma refeição em estilo *buffet* para a equipe, e todos estavam felizes desfrutando da refeição quando ouvi uma voz perguntar: “Podemos ver um cardápio?”

Aquela simples frase disse muito. Não existia menu no restaurante, você come o que Saahid e sua família prepararam naquele dia. Também, é claro, inglês não era algo comum de se escutar em Cactus, especialmente no restaurante. Só podia ser alguém novo em Cactus. Quando me virei, dei uma olhada no cabelo curto, arrepiado e rosa e soube imediatamente quem era a pessoa. Em pé no balcão estavam Andrea e seu marido, Shane, empurrando seu filho de dois anos, empacotado, em um carrinho de criança.

“Vito, eu conheço aquela senhora! Ela é a pessoa a quem estamos dando a poltrona!” Rapidamente nos encontramos de pé ao lado de Andrea e Shane, apresentando-nos e convidando-os para se juntar ao nosso grupo para o jantar.

Assistimos a família de três devorar os pratos de comida como se eles não tivessem comido há dias, e eu admirada como Deus havia

colocado esta família em nosso caminho. Antes de sairmos, confirmamos os planos para entregar a poltrona reclinável e também rimos juntos sobre o nosso encontro casual.

O dia seguinte era um sábado. A equipe de Trabalho & Testemunho já havia partido, e nós estávamos relaxando quando o telefone tocou. Era um amigo nosso de Amarillo.

“Você poderia dar uma carona para alguém ir à igreja com você amanhã?” A voz do outro lado da linha perguntou.

“Claro”, Vito respondeu. “Quem é?”

“Bem, um amigo meu se encontrou com alguém no consultório médico outro dia. Acabaram de se mudar para Cactus e precisam fazer alguns amigos. Meu amigo mencionou que conhecíamos algumas pessoas na área, e nós perguntamos se eles gostariam de ir à igreja em Dumas. Seus nomes são Andrea e Shane”.

Naquele domingo, entramos na Igreja do Nazareno de Dumas com Andrea e Shane e eu assisti, enquanto as pessoas da igreja se reuniam ao redor do casal e os recebiam, cabelos cor de rosa, tatuagens e tudo mais. Durante as próximas semanas, Andrea e Shane por muitas vezes se juntaram a nós nos bancos da Igreja do Nazareno de Dumas.

À medida que nos familiarizamos com a jovem família, rapidamente descobrimos que eles também estavam fugindo, bem como os nossos vizinhos refugiados. No entanto, ao invés de fugir da guerra e da fome, Andrea e Shane estavam fugindo do vício, das doenças mentais e de um ciclo de pobreza e autodestruição.

Andrea sofria severamente com várias doenças mentais, e não demorou muito para que a empolgação de viver em um novo lugar desaparecesse. Uma manhã, Andrea me enviou uma mensagem, dizendo que precisava ser hospitalizada. Ela tinha sido hospitalizada

por doenças mentais muitas vezes antes. No entanto, ao contrário do que aconteceu no passado, ela não tinha família por perto para cuidar de Bobby, seu filho de dois anos de idade. Tal como estava, Shane teria de deixar o seu emprego na fábrica de carnes para cuidar de Bobby enquanto Andrea estava no hospital.

No dia seguinte, às 4:00 horas da manhã, Vito e eu acordamos para receber Bobby em nossa família por uma semana. Sua mãe recebeu os cuidados médicos necessários e seu pai continuou a trabalhar nas longas e difíceis horas na fábrica de carnes.

Andrea voltou para casa, revigorada e pronta para assumir as responsabilidades normais. A família começou a frequentar a igreja novamente, as coisas estavam ficando melhor.

Infelizmente, um mês depois, quando os medicamentos acabaram, Andrea teve que ser hospitalizada mais uma vez. Mais um mês se passou. Desta vez, quando os medicamentos acabaram, Andrea e Shane decidiram que era melhor eles voltarem para “casa” no estado da Virgínia Ocidental.

Na noite anterior à sua partida, Vito e eu fomos ao apartamento de Andrea e Shane para orar com eles antes de partirem. Quando entramos, nos deparamos com literalmente uma montanha de roupas. Um monte de pratos sujos empilhados aqui e ali, e um tapete tão sujo que eu nunca havia visto igual.

Sentados no meio de todo esse caos estavam Andrea, Shane e o pequeno Bobby. Eles não tinham nenhum ânimo de arrumar ou limpar antes de sair. Não havia razão para fazê-lo; seu carro não poderia levar tudo. Eles planejavam deixar tudo para trás. Eles disseram: “Vocês podem ficar com tudo e dar para pessoas que precisam”.

Portanto, dar é o que fizemos. Acreditamos que não foi uma coincidência que um pequeno grupo de jovens estava visitando naquele fim de semana. Na manhã seguinte em que Andrea e Shane foram embora, nossa equipe e os adolescentes começaram a arrumar tudo. Algumas coisas, como a mesa e sofá, foram para as pessoas que precisavam deles. Evidentemente, um monte de coisas foi para o lixo.

Limpamos, distribuímos, jogamos fora, choramos, oramos e nos questionamos. Parecia que estávamos em um terrível ciclo de conhecer pessoas, ajudar as suas famílias para vê-los irem embora novamente. Agora, o que iria acontecer com Andrea, Shane e Bobby? Quando chegassem ao seu destino, haveria alguém que lhes mostrasse o amor de Jesus?

Andrea e eu mantivemos contato depois que eles deixaram Cactus. Os primeiros meses foram preenchidos com momentos aparentemente felizes conforme eles se reconectavam com amigos e familiares. Eles tentaram reconstituir suas vidas novamente. Não demorou muito, entretanto, antes que o álcool, outros “amantes” e doenças mentais levassem Andrea e Shane a perder empregos e contemplarem o divórcio. Eu sofria quando lia seus posts no Facebook. Andrea estava dentro e fora de hospitais mentais e Shane lutava para manter um emprego.

De repente as coisas mudaram. Um dia na



Andrea e seu filho, Bobby.

primavera de 2016, o *status* de Andrea dizia: “Hoje eu me reconciliei com Deus e me sinto ótima!” Cética, eu rapidamente orei para que a mão de Deus sobre Andrea fosse tal que ela não quisesse abandoná-lo.

O que levou Andrea de volta à igreja? Quem a convidou? Eu não sei muito sobre a igreja que ela frequenta. Entretanto, eu assisti a vida de Andrea se transformar da pobreza, do vício e da depressão para uma de positividade, louvor e alegria genuína que podem somente vir de um relacionamento com Jesus Cristo. Sinto-me privilegiada por ter participado de sua jornada espiritual ao confiar em Deus para continuar a obra dEle na vida de Andrea.

CAPÍTULO 9

Crystal

Em maio de 2014, as paredes do Centro de Ministérios foram levantadas. Mal havia fiação elétrica e nenhum acabamento. Nesse ambiente de construção, realizamos o primeiro evento do Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus – uma feira livre. Nós chamamos de feira livre porque isso é exatamente o que era: um mercado onde as pessoas poderiam obter itens sem ter que pagar por eles.

Voluntários obstruíram as partes inacabadas do edifício para evitar qualquer acidente no centro. Mesas foram montadas na sala multiuso e empilhadas com roupas, cobertores, bugiganga e diversos artigos domésticos.

Foi na feira livre que Crystal e sua família vieram fazer compras. Eles podiam levar coisa que pudessem carregar. Eles eram amigáveis, barulhentos, e eram muitos! Crystal, falando apenas inglês, e seu marido, Leonardo, falando apenas espanhol, tinham a companhia de quatro filhos. Parecia que os pais e as crianças tinham armado um plano antes de entrar: “Peguem tudo o que vocês puderem carregar. Não deixem nada para trás”.

Essa estratégia foi seguida à risca. E eles não se envergonhavam disso. Eles levaram tudo o que podiam carregar. E quando não podiam mais carregar, pediram ajuda. Vito e eu, juntamente com vários voluntários, ficamos à distância e vimos como o grupo exibia características de uma família em fuga.

Mas do que eles estavam fugindo? Eles não eram refugiados – não na nossa típica compreensão.

No entanto, vimos uma família em necessidade. Uma família que talvez tivesse medo. Uma família que via nos bens materiais a sua fuga. Quanto mais tinham pertences, mais tinham poder.

Não conseguimos o contato da Crystal quando a família saiu. Evidentemente, ficamos um pouco aliviados quando eles saíram pelas portas com a última carga. Nós nos questionamos se ao invés de ajudá-los, os estávamos prejudicando. Francamente, não estávamos preparados para oferecer os serviços de que necessitavam.

Mais tarde naquele ano, conheci melhor as filhas de Crystal. Ao começar a ensinar música na Escola Primária de Cactus (mais sobre esse assunto mais tarde), eu fortaleci o meu relacionamento com as crianças de Cactus e comecei a construir pontes com as suas famílias. Se as crianças confiassem em mim e se a escola confiasse em mim, então os pais começariam a confiar em mim e, por sua vez, confiar no CMCN. Quando conheci as meninas da Crystal, continuei a ver os mesmos comportamentos exibidos na feira livre. As meninas eram sempre o centro das atenções e sempre à procura de alguma doação.

Em novembro de 2014, o CMCN realizou o seu primeiro evento “Agasalhe-se Cactus”. No inverno anterior, tínhamos notado algumas crianças caminhando para a escola com agasalhos finos porque eram o único casaco de inverno que elas tinham. Panhandle

tem um inverno rigoroso com ventos frios e neve, e, infelizmente, muitas das pessoas em Cactus, sendo refugiados e imigrantes, não estão preparadas para temperaturas tão frígidas.

Nós tínhamos um sonho de que o CMCN fornecesse casacos de inverno para as crianças e adolescentes de Cactus. Igrejas do Texas e Oklahoma doaram casacos novos e moderadamente usados. Vito e eu, juntamente com uma pequena equipe de Trabalho & Testemunho de Hamlin, Texas, nos preparamos para doar casacos, luvas e gorros àqueles que não tinham condições de comprá-los.

O evento de dois dias estava acontecendo maravilhosamente. Tinha sido um fim de semana frio, perfeito para a doação de casacos. Tínhamos doado mais de 300 casacos e muito mais luvas e gorros. À medida que nos preparávamos para fechar as portas na tarde de sábado e ainda com alguns casacos dispersos e espalhados pelo salão, Crystal e sua família entraram pelas portas. Rapidamente vimos os mesmos comportamentos se repetirem, e rapidamente vimos como a família pegou, pegou e pegou.

No verão seguinte, servimos almoços grátis em nosso programa de alimentação de verão, e os filhos de Crystal estavam presentes. No outono de 2015, vimos Crystal inscrever seus filhos para a nova Liga de Futebol de Cactus, patrocinada pelo CMCN, prometendo “voltar mais tarde” para pagar a pequena taxa de inscrição. Vez após vez, Crystal e sua família voltavam, levando tudo o que podiam. Vez após vez, questionávamos o que poderíamos fazer para capacitar essa família, em vez de apenas ajudá-la.

Em janeiro de 2016, o marido de Crystal, Leonardo, se inscreveu para nossas aulas de Inglês como Segunda Língua – ISL. O programa, com quatro reuniões por semana, oferecia assistência infantil gratuita para crianças de até 13 anos. Após o primeiro dia de

aulas, recebi uma mensagem da Crystal: “Você precisa de alguém para ajudar com as crianças? Eu amo ser voluntária!”

Eu pensei, será que a mulher que aproveita cada oportunidade para pegar alguma coisa, quer dar algo de volta? Eu estava cética e certa de que tinha de haver algum motivo oculto envolvido. Dana Franchetti, diretora do Programa Infantil e Juvenil do CMCN, e eu concordamos que permitir que Crystal servisse no berçário do ISL durante as aulas não era a melhor ideia. Nenhum de nós tinha energia emocional necessária para levar tal “projeto” a diante.

Duas semanas mais tarde, um de nossos voluntários do berçário desistiu, e nós estávamos em dificuldade. Constantemente tínhamos mais de 30 crianças na creche do ISL durante as aulas, e precisávamos de alguém imediatamente. Foi quando reconsiderei a oferta da Crystal. Talvez devêssemos dar uma chance, apenas



Crystal e o berçário do ISL.

desta vez. Então nós oferecemos a Crystal o trabalho. E para ser honesto, as primeiras semanas eu questioneei a decisão várias vezes. Mas então algo mudou.

Crystal começou a tomar posse de suas novas responsabilidades. Ela tinha alegria em deixar o berçário impecavelmente limpo quando ela saía todas as noites. Ela se deleitava em trazer lanches para as crianças que estavam sob o seu cuidado. Crystal começou a planejar artesanato e atividades para as crianças, e ela começou a se voluntariar de outras maneiras na comunidade, treinando a equipe de futebol de sua filha e começando uma equipe local de Escoteiras.

Então, quando tivemos outra oportunidade, oferecemos a ela o cargo de Coordenadora Infantil do ISL. No novo papel, ela não só cuidaria das crianças na creche, mas também lideraria as outras pessoas que trabalhassem ao lado dela. Naquele dia, depois de aceitar o novo título, Crystal escreveu em seu *status* no Facebook: “Deus é tão bom! Hoje me ofereceram uma promoção no Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus!”

Semana após semana, Crystal começou a se apaixonar pelas crianças e por aquela responsabilidade; e em algum lugar ao longo do caminho, Crystal se apaixonou por Jesus. Seu linguajar mudou, sua atitude mudou, e até mesmo as suas escolhas de roupa mudaram. Nós literalmente assistimos a Crystal se transformar de alguém que não poderia ter o suficiente, para alguém que não poderia dar o suficiente. Ela dá o seu tempo, o seu dinheiro e a si mesma mais do que podemos contar.

Não fomos nós que levamos a Crystal a orar a oração do pecador e ela não se senta nos bancos de uma Igreja do Nazareno. Foi uma igreja diferente que a levou a essa decisão final e é a igreja que ela e sua família frequentam todos os domingos. Mas isso não

importa. O que importa é que Crystal tenha escolhido um relacionamento com Jesus Cristo que mudou a sua vida.

CAPÍTULO 10

Mahad

Antes mesmo de nos mudarmos para Cactus, sabíamos que as aulas de inglês seriam um dos primeiros ministérios que o CMCN ofereceria. Passamos o primeiro ano em Cactus construindo relacionamentos com as pessoas, conhecendo-as e tentando entender as suas necessidades. As necessidades eram muitas, e rapidamente tornou-se evidente que não poderíamos fazer tudo sozinhos. Então, em janeiro de 2015, Lucas e Liz Gentry mudaram-se para Cactus para servir como voluntários e começar o programa de Inglês como Segunda Língua (ISL) no CMCN.

No verão de 2015, a primeira classe de ISL começou. Durante um período de 5 semanas, 10 alunos frequentaram as aulas uma noite por semana. Era um pequeno começo, mas a energia que estas classes traziam ao CMCN a cada noite de quinta-feira era palpável. Finalmente, um dos nossos primeiros sonhos tinha ganhado vida.

A energia das aulas de verão foi estendida até o outono. Em setembro, oferecemos aulas de manhã e à noite para acomodar o

horário do turno da fábrica de carnes. Aproximadamente 50 alunos matricularam-se para cursar 12 semanas de aulas. Os alunos se reuniam uma vez por semana durante duas horas e foram orientados com base no seu conhecimento de inglês. A maioria dos estudantes era hispânica com algumas outras etnias representadas. Nós ficamos encantados com toda esta resposta!

Mahad, era um homem somali, que se registrou como estudante. Ele falava um inglês limitado e foi colocado na classe mais básica. Ao longo do semestre, Lucas e Liz familiarizaram-se melhor com Mahad. Como Lucas e Liz não falavam somali e Mahad não falavam muito inglês, seu relacionamento foi construído puramente com sorrisos, saudações em inglês bem limitadas e muitos gestos. De alguma forma – e não sei exatamente como, porque ninguém especificamente o convidou – Mahad começou a participar da Igreja do Nazareno Africana de Cactus.

Mahad tornou-se um fiel frequentador, embora soubesse que poderia facilmente ser perseguido por frequentar uma igreja cristã, tendo previamente seguido outra religião. No entanto, a perseguição era algo comum a Mahad. Ele havia fugido da Somália quando era mais novo, com idade suficiente para ser considerado um homem.

A guerra civil estourou, e sua vila transformou-se em um campo de batalha. Mahad e sua família escaparam a pé, mas foram separados na viagem. Ele viajou com outros, alguns parentes distantes e outras pessoas completamente estranhas, para um campo de refugiados no Quênia. Uma vez lá, felizmente ele se reencontrou com os membros de sua família, e ali eles criaram um lar temporário.

O acampamento foi sua casa por vários anos. Mahad e seus irmãos matricularam-se na pequena escola improvisada que se formou no acampamento, onde aprenderam a ler e a escrever. No entanto, ao contrário de algumas das outras escolas de refugiados, sua pequena escola ensinou em árabe e outras línguas, ao invés de inglês.

Vários anos depois, já um jovem de acordo com os padrões de todos, Mahad se reassentou nos Estados Unidos. Ele se mudou para Minnesota e Missouri, procurando trabalho. Ele finalmente se estabeleceu em Cactus, Texas, onde encontrou uma forte presença somaliana e um emprego estável. Uma vez em Cactus, pela primeira vez em sua vida, Mahad se matriculou nas aulas gratuitas de inglês.

Mais uma vez, Mahad se encontrou fugindo. Mas dessa vez ele fugia da religião que conhecera durante toda a sua vida. Pouco antes do Natal de 2015, Mahad parou de fugir e deu a sua vida ao Senhor!

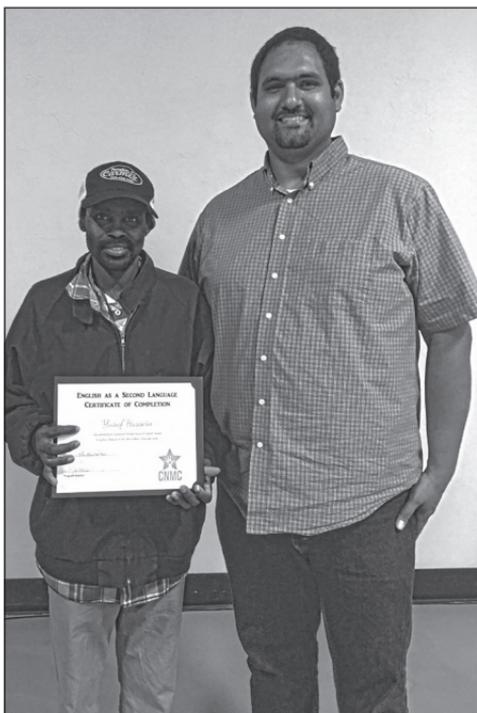
Em uma tarde na primavera de 2016 do ISL, estávamos trabalhando no escritório do CMCN quando Mahad apareceu para a sua aula duas horas mais cedo. Seu dia de trabalho tinha terminado, e ele não queria ir para casa antes da aula.

Quando ele entrou no escritório, começou a perguntar a Vito sobre planos de saúde. Vito tentou ajudá-lo, mas rapidamente ficou claro que a falta de informações e a barreira do idioma traziam uma grande dificuldade. Vito disse a Mahad que iria entrar em contato com os recursos humanos sobre a situação, e presumimos que Mahad iria embora e voltaria mais tarde para a aula. Ao invés disso, Mahad ficou sentado lá observando enquanto Vito trabalhava.

Sentindo-se culpado, Vito tentou manter uma conversa com Mahad, fazendo algumas perguntas. Ao descobrir que Mahad não tinha uma Bíblia, Vito rapidamente encontrou para Mahad uma versão *online* em Somali, e vimos quando Mahad começou a ler a Palavra de Deus em sua própria língua pela primeira vez. Ele estava tão grato e, eventualmente, encontrou o seu caminho para a sua sala de aula para ler enquanto ele esperava que a classe começasse.

Depois de um tempo, Vito entrou na sala para se preparar para a aula, e então Mahad começou a conversar com ele em um inglês limitado. Ele comparou sua religião anterior com o cristianismo, finalmente dizendo: “Minha religião. Sempre problemas, problemas, problemas. Cristão. Sempre feliz, feliz, feliz!”

Como um todo, o pessoal do CMCN havia se apaixonado por Mahad, e nós fomos privilegiados ao ir ao seu culto batismal. Como não tínhamos acesso a um batistério, outra igreja na cidade concordou em nos emprestar o seu para essas ocasiões. Naquela tarde ensolarada de domingo, reunimos nossas coisas e começamos a caminhar



Mahad e Vito.

em direção à igreja onde o batismo seria realizado. Há uma quadra do Centro de Ministérios, ouvimos um bater de pés correndo atrás de nós. Era Mahad, ele tinha ido ao Centro de Ministérios, nos vira caminhando, e queria juntar-se a nós.

Nós o cumprimentamos, e perguntamos como ele estava. O brilho em seu olho e seus dentes brilhantes em seu enorme sorriso disseram tudo. Ele estava tão animado! Enquanto caminhávamos, ele expressava sua alegria repetidamente. Às vezes ele até pulava para cima e para baixo. Aqui estava um homem entusiasmado com o próximo passo em sua jornada cristã!

Não sei ao certo quanto Mahad entendeu acerca de seu batismo. O culto, como a maioria dos domingos, era uma mistura de duas línguas tribais sul-sudanesas, árabe e inglês. Estou bastante certa de que houve alguma confusão quando o pastor Michael literalmente “mergulhou” Mahad três vezes no batistério, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Mas, eu sabia pelo olhar no rosto de Mahad quando ele foi recebido e aplaudido por seus irmãos e irmãs em Cristo, que ele era um homem mudado.

Ainda hoje, ser cristão nem sempre é fácil e seguro para Mahad. Ele tem que pedir carona para os outros para trabalhar, porque ele não é mais bem-vindo para andar com os outros somalis. Pela graça de Deus, Mahad só foi hostilizado pela comunidade somali de Cactus, ao invés de ter a sua vida ameaçada, como teria sido o caso em seu país de origem. No entanto, Mahad não se envergonha de sua nova fé. De fato, Mahad sempre aparece cedo para a igreja, sendo regularmente a pessoa que monta as cadeiras e prepara o prédio para que os outros adorem.

CAPÍTULO 11

May

Saindo do Centro de Ministérios, olhei para o pequeno parque no canto noroeste da propriedade, com dois parquinhos com escorregadores, balanços e barras de escalada, cinco mesas de piquenique vermelhas, uma quadra de basquete e um punhado de pequenas árvores. Que mudança do campo de terra e ervas daninhas que nos receberam quando chegamos pela primeira vez.

Eu mal tinha saído pela porta quando ouvi, “Sra. Monteblanco!” e fui recebida com gritos e abraços de May Thu Aye (nós a chamamos de “May” como apelido) e suas amigas.

May é uma menina birmanesa de oito anos de idade, uma presença constante na propriedade do CMCN, e cuja família segue outra religião. May e eu nos conhecemos através da Escola Primária de Cactus.

Numa manhã quente de agosto de 2014, recebi um telefonema do Distrito Escolar Independente de Dumas. Quase sem cerimônia, o superintendente me disse: “Jenni, você foi recomendada,

e nós estávamos pensando se você gostaria de ensinar música na Escola de Cactus este ano”.

Eu não tinha um diploma em educação fundamental, nem mesmo um desejo de ensinar, então eu respondi: “Bem, eu nunca pensei nisso”.

No entanto, percebendo que talvez este fosse o próximo passo que Deus tinha planejado para nós, eu rapidamente mudei meu tom.

Nosso salário para o primeiro ano em Cactus foi fornecido por uma igreja patrocinadora do distrito. Esse apoio logo se esgotaria e não tínhamos certeza de onde nosso financiamento viria. Talvez fosse isso que Deus tinha reservado. Eu não sabia como isso iria funcionar, mas pelo menos valeria a pena orar sobre isso.

Dois dias depois, sentei-me no escritório do diretor da Escola Primária de Cactus, apresentando-me e explicando por que Vito e eu estávamos em Cactus. Este era o primeiro ano do diretor, e ele também sentiu que Deus o chamara para Cactus. Conversamos durante 30 minutos sobre o CMCN, então ele me perguntou: “Então, você conhece alguma coisa sobre música?”

“Bem, meus pais me fizeram estudar aulas de piano e violino”.

“Então você sabe mais do que as crianças. Eu quero que a classe de música seja um lugar onde essas crianças possam vir para descontraír – não se estressarem acerca do que está acontecendo em suas vidas, mas aprender a apreciar música e saber que alguém as ama. Você pode fazer isso?”

“Sim, eu posso fazer isso”.

Saí do prédio naquele dia com as chaves da minha nova sala de aula de música. Duas semanas depois, eu abri as portas para receber 300 crianças de Cactus em minha sala de aula e em minha vida.

Esse dia de agosto não foi apenas o começo de um ano de ensinamento, mas era uma outra maneira que Deus providenciara para nossa família, e uma porta aberta para construir relacionamentos duradouros. Até esse ponto, lutávamos para construir relacionamentos com o povo birmanês em Cactus. Os birmaneses eram muito mais reservados do que as outras culturas que tínhamos encontrado. A maioria seguia uma fé que não era o cristianismo, e sua linguagem era muito diferente da nossa. No entanto, os birmaneses confiavam na escola. E se você fosse professor, os birmaneses confiavam em você.

May estava na segunda série naquele ano. Ela era quieta, e seus grandes olhos castanhos eram tristes e distantes.

May nasceu em um campo de refugiados na Tailândia. Seus pais, avós e membros da família fugiram de seu país de origem para evitar a perseguição religiosa e política. Ao longo do tempo, muitos dos membros da família de May acabaram em Cactus por estarem perto um dos outros e para trabalhar na fábrica de carnes. A família de May, como a maioria dos birmaneses em Cactus, era extremamente unida.

May me disse que sua avó estava muito doente. Ela estava em um hospital em Amarillo e não esperavam que ela vivesse muito tempo de vida. A avó de May era a sua melhor amiga e estava muito orgulhosa de May e suas realizações na escola. Senti-me obrigada a dizer a May que a sua avó estaria nas minhas orações. Até aquele ponto, eu evitava cautelosamente dizer tais coisas, devido às nossas diferenças religiosas. May graciosamente aceitou as minhas palavras e abraços e continuou a me atualizar diariamente sobre as condições de sua avó.

Numa manhã, May veio até mim com lágrimas nos olhos. Segurei-a quando ela me disse que sua avó havia morrido. Naquele

dia, os amigos e primos de May derramaram muitas lágrimas em minha sala de aula. Eu escutei, eu os abracei, eu orei.

Meu relacionamento com May e os outros jovens birmaneses continuou crescendo ao longo do ano letivo. Fora da sala de aula, eles começaram a apresentar Vito e eu para os seus familiares. Pouco a pouco, os pais começaram a nos saudar na rua, e as crianças podiam brincar no parquinho do CMCN. As famílias viram que éramos pessoas amigáveis e que amávamos os seus filhos sem levar em conta as nossas diferenças religiosas.

Num sábado de manhã, em abril de 2015, Vito estava trabalhando lá fora, quando várias crianças birmanesas vieram ao CMCN com cestas de Páscoa nas mãos. Quando ele perguntou o que eles estavam fazendo, eles disseram: “Estamos aqui para a Caça aos Ovos de Páscoa!”



Jenni com algumas crianças birmanesas.

“Que Caça aos Ovos de Páscoa?”

“Nós não sabemos, mas achamos que você provavelmente teria uma aqui, já que amanhã é Páscoa!”

Infelizmente, não tínhamos planejado uma Caça aos Ovos de Páscoa. No entanto, sem perder o fio da meada, Vito questionou: “Você sabe o que é a Páscoa?” Naquele sábado de manhã, ele compartilhou sobre Jesus Cristo e o verdadeiro significado da

Páscoa com um grupo de crianças birmanesas. Não houve nenhum convite feito naquela manhã, mas a história do evangelho foi plantada em seus corações e mentes.

Naquele verão, nos sentamos no chão com May, seus primos, seu avô e sua tia e compartilhamos uma refeição com eles. Era uma época em que as pessoas que seguiam a sua religião jejuavam durante os dias. Durante a refeição, explicamos sobre as tradições cristãs do jejum, especificamente durante a época da Quaresma. Nós rimos, nós comemos e amizades foram formadas.

Hoje May é uma das melhores amigas de Olivia. Ela, juntamente com várias outras crianças birmanesas, frequentemente brincam em nosso quintal e no parque do CMCN. As crianças birmanesas têm permissão para entrar no Centro de Ministérios e para jogar na liga de futebol da comunidade em que o CMCN organiza. Todas essas atividades evoluíram gradualmente conforme construímos relacionamentos com esse grupo de pessoas.

Para o nono aniversário de May, na primavera, ela nos disse que a única coisa que ela queria era comer brownies e morangos com a equipe do CMCN porque “você são meus melhores amigos”. Então nós comemos brownies e morangos e assistimos com espanto a um punhado de crianças birmanesas correndo com nossas crianças ao redor da sala multiuso. Não foi necessária muita coisa para organizar a pequena festa de aniversário. No entanto, a alegria nos olhos de May e as risadas que tomavam conta de toda a sala trouxe lágrimas aos meus próprios olhos.

Algumas semanas depois, a May e seus amigos estavam brincando nos esguichos de água do parque do CMCN quando Dana Franchetti, a diretora do Programa Infantil e Juvenil do CMCN, saiu lá fora para ver. Dana havia trabalhado na jardinagem no dia

anterior e, porque se esqueceu de usar o protetor solar, ela tinha queimaduras notáveis. Preocupada com as crianças, Dana disse: “Está quente aqui fora! Tenham cuidado para não se queimar!”

“Oh, não vamos”, May respondeu. “Vito nos fez passar o protetor solar”.

Sabendo que as jovens crianças birmanesas eram muito menos propensas a queimar-se do que ela, Dana perguntou brincando: “Por que ele faria isso com vocês?”

“Ele disse que era para que não nos queimássemos, mas acho que é porque ele nos ama”.

CAPÍTULO 12

Amor

Gostaria de poder dizer que viver em Cactus sempre foi cheio de relacionamentos frutíferos. Honestamente, tem sido uma jornada muito difícil.

Cada dia é diferente, e cada dia é repleto de desafios. Alguns dias acordamos e nos perguntamos: “O que estamos fazendo aqui?”

Há manhãs que acordamos e não temos água e outras manhãs que acordamos e nossa propriedade está completamente inundada.

Alguns dias, nos deparamos com diversas culturas, e as experiências são tão incríveis que não podemos parar de sorrir de como Deus está nos usando.

Porém, há manhãs quando estamos tão emocionalmente e fisicamente exaustos que nós só queremos voltar para a cama.

Há momentos em que nos preocupamos de onde virá o nosso próximo pagamento; outros momentos nós recebemos uma doação inesperada na quantidade exata que necessitamos.

Na maioria dos dias as coisas não saem totalmente como planejado. Nós não riscamos nada de nossas listas, e as listas apenas continuam aumentando mais e mais.

Todos os dias vivemos nossas vidas. Todos os dias vemos pessoas. Todos os dias caminhamos entre as pessoas. Todos os dias vivemos a nossa vida em torno da dos outros. A questão é: quem eles veem vivendo em nós? Em Cactus, esperamos e oramos para que cada tchau que damos com nossas mãos, cada “oi” em qualquer língua, cada programa e serviço social oferecido, cada chamada noturna ou ao meio-dia seja uma proclamação real do amor de Deus. Sementes serão plantadas, algumas regadas, algumas colhidas e tudo colocado nas mãos do Deus que faz crescer.

Quando nos mudamos para Cactus, tivemos muitas ideias sobre o que a família Monteblanco e o CMCN poderiam fazer para transformar as pessoas e a comunidade. Tínhamos listas de ideias e planos bem antes de chegarmos. Na realidade, muito pouco do que tínhamos planejado aconteceu e os itens das listas que se realizaram pareciam completamente diferentes do que esperávamos. Chegamos à conclusão de que o ministério entre as pessoas de Cactus não é sobre o que pensávamos que precisavam ou o que pensávamos que seria melhor para elas. Conhecer as pessoas de Cactus primeiro deu uma imagem mais clara de suas necessidades.

São Francisco de Assis disse: “Não adianta caminhar até um lugar para pregar, a não ser que a nossa caminhada seja a nossa pregação”. O povo de Cactus não precisa de alguém para ficar na esquina, pregando-lhes. Eles não precisam de alguém entregando-lhes um folheto e prometendo orar. Eles não precisam de alguém para abrir as portas de um edifício da igreja e pedir-lhes para entrar. Eles precisam de alguém para andar com eles, lado a lado, e amá-los

da maneira que Jesus os ama. Eles precisam de alguém para viver 1 João 3:18, “Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade”.

Gostaria de poder dizer que presenciamos centenas de vidas sendo mudadas instantaneamente nos últimos três anos. Mas isso não aconteceu. No entanto, vimos inúmeros milagres acontecer, milagres que, até então, só havíamos lido na Bíblia. Mas agora nós temos experimentado tais milagres. Poucos dos milagres resultaram em pessoalmente presenciarmos conversões. Mesmo assim, oro diariamente para que os relacionamentos que construímos levem a mudanças que impactem vidas eternamente.

No que essas histórias que compartilhamos, esses relacionamentos que construímos, resultarão? Eu não sei. O que eu sei é que nós demos tudo de nós mesmos, nossa privacidade, nosso conforto, nossos ideais... e para quê? Certamente não para nós, não para ficar contando o número de vidas salvas, e nem mesmo para fazer uma boa ilustração de algum livro! Isto não é sobre eu ou minha família ou mesmo sobre o CMCN. Trata-se de ser as mãos e os pés de Cristo para todos os que nós encontramos. Não para a nossa glória, mas para que Ele seja glorificado e que vidas possam ser transformadas.

Na última aula do semestre de ISL na primavera de 2016, a classe de Nível 2 estava revisando gramática superlativa, como legal e mais legal. Um dos alunos da turma era a Su Yi Win, uma mulher birmanesa. Seu irmão se chamava Zin Thet e ele era o principal líder religioso de sua fé em Cactus. Descobrimos que Zin Thet e a irmã de Su Yi Win sofreram um grave acidente de carro e ela quebrou o pescoço. Ficamos agradecidos ao saber que ela não estava paralisada, mas ela enfrentaria um longo caminho para a recuperação.

Quando Vito ouviu isso, chamou Zin Thet para perguntar como a sua irmã estava. Durante a conversa, sem pensar duas vezes, Vito disse ao Zin Thet que ele estaria orando por sua irmã e sua família. Vito lembra-se de parar depois do que ele disse e pensar: “Espero que isso não prejudique o nosso relacionamento, mas é assim que eu sou. Eu teria dito isso a qualquer um”.

Zin Thet fez uma pausa e disse: “Obrigado. Ela precisa de suas orações”.

No último dia de aula de ISL, Su Yi Win foi convidada a usar a palavra “mais legal” em uma frase. Sem hesitação, Su Yi Win disse, “A pessoa mais legal que eu conheço é o Vito, porque ele ajuda as pessoas, não importa quem elas sejam”.

Se isso é o que a Su Yi Win conhece a respeito de nós, então ela está conhecendo a Jesus. Continuaremos sendo as mãos e os pés de Jesus para Su Yi Win e muitos outros como ela. Colocaremos todos e cada um deles nas mãos de Deus.

Eu não sei o que o amanhã trará. Eu não sei o que vai acontecer no ano que vem ou daqui há cinco anos. O que eu sei é que Deus chamou a nossa família, os funcionários e voluntários do CMCN para estarem presentes na vida de pessoas que nunca poderiam de outra forma encontrar Jesus. Isto é o que o Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus faz – conhecer as pessoas de Cactus e amá-las exatamente onde elas estão. Porque exatamente onde elas estão é exatamente onde elas precisam estar para encontrar Jesus.

REAÇÃO

- As pessoas muitas vezes querem saber como ajudar a outros. Para àqueles que frequentam a Igreja do Nazareno, dar ao Fundo de Evangelismo Mundial é a maneira mais simples, porém mais abrangente de fazê-lo. Através da sua participação no Fundo de Evangelismo Mundial, você está ajudando a tornar possível que esta história seja recontada, revivida e reexperimentada em outras culturas ao redor do mundo.
- Há provavelmente imigrantes e refugiados que vivem em sua comunidade. É provável que eles estejam procurando por alguns amigos para ajudá-los a navegar em suas novas vidas. Se você mora em uma cidade grande, há prováveis agências de reassentamento de refugiados nas proximidades. Essas agências consideram bem-vinda qualquer assistência em aulas para a língua de sua área. Pode haver outras classes sobre saúde, nutrição, assistência jurídica, preparação para emprego e muito mais. Em muitas áreas, as escolas se associam com igrejas para dar apoio às famílias de imigrantes / refugiados. Para obter uma lista dessas agências e suas necessidades, busque no Google “agências de reassentamento de refugiados” e a área onde você mora.
- Ministrando a qualquer população marginalizada não pode ser feito copiando outros ministérios e antecipando os mesmos resultados. Conheça as pessoas de sua comunidade para determinar as suas necessidades – física, social e espiritual. Algumas das atividades listadas neste livro podem ser pontos de partida, mas esteja ciente de sua eficácia. Esteja disposto a mudar as

direções e criar suas próprias ideias com base nas necessidades ao seu redor.

- Não tenha medo de dizer “olá” e oferecer um sorriso genuíno. O imigrante ou refugiado pode ser a pessoa na fila do supermercado que não fala a sua língua. Eles poderiam ser a família no consultório médico que parece não familiarizada com os seus arredores e não tem certeza do que fazer. A pessoa que se veste de forma diferente ou come alimentos que não lhe são familiares poderia ser um imigrante. Você pode até se perguntar se essa pessoa está aqui ilegalmente. Seu colega de trabalho, seu vizinho, ou mesmo um membro da sua família poderiam ser todos refugiados. No entanto, eles estão têm a necessidade de que alguém lhes estenda a mão, compartilhe uma refeição, mostre o caminho, viva lado a lado.
- Há documentários e vídeos excelentes que contam histórias de refugiados, especialmente histórias acerca dos refugiados do Sudão do Sul. Estes são recursos excelentes que dão uma ideia sobre os desafios enfrentados. Nós recomendamos *The Good Lie* [A Boa Mentira], um vídeo que retrata com precisão a experiência dos refugiados sul-sudaneses. Muitas dessas histórias são explícitas, portanto, por favor revise qualquer uma delas antes de mostrá-las. As pessoas, especialmente as crianças e os jovens, devem ser prevenidas antes de serem submetidas a histórias que podem ser muito chocantes para eles.
- Participe de ministérios para imigrantes e refugiados através do Centro de Ministérios Nazarenos em Cactus orando, dando financeiramente, ou servindo em uma equipe de Trabalho & Testemunho. Visite o site da CNCM: www.cactusministries.org.

E a página no Facebook: www.facebook.com/CactusNazarene para atualizações recentes, pedidos de oração, oportunidades de servir e links para doar.

- Ministérios Nazarenos de Compaixão (MNC) é um meio vital no apoio aos refugiados em todo o mundo. Você pode aprender mais sobre como a Igreja do Nazareno está ministrando às pessoas em meio a crise de refugiados visitando o website: www.ncm.org. MNC fornece vários recursos que abordam a crise de refugiados, disponíveis gratuitamente para uso em sua igreja ou pequeno grupo. Você pode acessá-los clicando no botão “Recursos para Igrejas” no www.ncm.org/refugees.